

LISANDRA CRISTINA GONÇALVES DE FREITAS

***SER PROFESSORA - NARRATIVA DE UM
PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO***

CAMPINAS, SP
1999

LISANDRA CRISTINA GONÇALVES DE FREITAS

**SER PROFESSORA : NARRATIVA DE UM PROCESSO
DE CONSTITUIÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
o curso de Pedagogia , com habilitação
em Administração e Supervisão Escolar,
da Faculdade de Educação , UNICAMP ,
sob a orientação da Profª Drª Roseli Ap.
Caçção Fontana.

**Campinas, SP
1999**

Agradecimentos

Aos meus pais pelos anos de perseverança, dedicação e confiança depositadas em mim para que eu chegasse até esta etapa de minha formação escolar .

Aos meus professores e colegas que compartilharam comigo algumas das delicias e angústias de ser professor .

Aos meus alunos que me ensinaram a ler-me nas muitas histórias que tecemos juntos .

À querida professora Roseli Cação Fontana pelo carinho , profissionalismo e dedicação com que me cativou ao prazer de ser professora .

Aos muitos autores e poetas que me inspiraram na elaboração desta história.

Sumário

PRENÚNCIO	1
REFAZENDO PERCURSOS PARA ENCONTRAR O CAMINHO E AGORA ?	2
COM A PALAVRA ... A PROFESSORA	5
A PROFESSORA. A ESTAGIÁRIA. A ALUNA. TRÊS PAPÉIS : UMAMULHER -PROFESSORA EM CONSTITUIÇÃO	8
EPÍLOGO ?...ENTRETO...	84
BIBLIOGRAFIA	85

Apresentação

Ser professora... o que envolve a constituição desse estar sendo ? Longe de pretender explicar descritivamente o longo percurso de formação do professor , detalhando didaticamente o que “deve e não deve” acontecer neste processo como se convencionou produzir no discurso pedagógico , este texto conta de forma narrativa, priorizando uma linguagem literária, uma breve história desse processo de constituição. Aqui pretendeu-se preservar e ressaltar, apesar da opacidade da linguagem e dos riscos de se terem perdidos fragmentos da história ao recorrer à memória , os pequenos aspectos do cotidiano, muitas vezes desprezados pelo olhar científico , que nos leva as mais significativas reflexões sobre o nosso constante estado de aprendizagem deste papel social .

A escolha pela narrativa como método de investigação justifica-se pela crença de que a narração é uma forma de estruturar e resignificar a experiência vivida , possibilitando a reflexão e o encontro do escritor/leitor com a história coletiva de formação que se construiu na/ pela experiência e que se dá a ver e se reconstrói no próprio ato de sua leitura/ escritura .

Esta é uma história de descobertas . História vivida e sentida através das muitas histórias que a ela se foram tecendo . A história de uma estudante , uma estagiária , uma professora , que vão aprendendo a ser professora nos sobressaltos do cotidiano , no ter que fazer muitas vezes sem saber como se faz , na construção paulatina de um olhar mais apurado e atento à produção de seus alunos , na descoberta das muitas contradições enredadas no tecido das instituições que nos constituem , na escrita e na leitura como momentos significativos de reflexão e crescimento no processo de formação do professor , formação que se dá pelo/com o outro , pela /na palavra, e, sobretudo, nos interstícios do cotidiano da sala de aula .

Prenúncio

*Minhas palavras vão falar
de vida, ainda que me doam ...*



*Refazendo percursos para
encontrar o caminho...*

E agora?

Não faz muito tempo surpreendi-me roendo um livro . Uma estranha sensação apossou-se de mim sem que , sobre ela , pudesse botar controle . De chofre , um espanto, diluído mais tarde em perplexidade. Palavra por palavra abriu-se um abismo sob meus pés , cada verbo tocado por meus olhos apagava um pouco de mim .

Alguns minutos , algumas palavras... Os olhos percorriam aflitos cada letra daquela escritura como quem soletra vocábulos inauditos . O silêncio do quarto, já arrumado para a hora de dormir , foi rasgado violentamente pelo ruído que as palavras produziam. Uma batalha ... uma guerra silenciosa só interrompida pelo virar das páginas .

... Agora que nossos saberes não se sustentam sobre a realidade nem nossas palavras sobre a verdade , talvez seja hora de aprender um tipo novo de honestidade que se exige para habitar com a maior dignidade possível um mundo caracterizado pelo caráter plural da verdade , pelo caráter construído da realidade e pelo poder poético e político da linguagem ...¹

Não ! Eu não acreditava que ela havia feito isso comigo . Aquele livro ... Aquele texto... Aquele modo de dizer... Por que as palavras são assim : pequenas gotas de orvalho que fazem estremecer um lago . Cada uma delas evocava lugares , lembranças, sensações , expectativas , angústias , desejos , idéias , saberes , vivências... uma multiplicação infinita de sentidos . No texto a pergunta para todas as respostas . Na leitura , um mergulho profundo .

Por instantes suspensão no tempo e no espaço , era um barco à deriva de mim mesma ...

Assim entregue ao texto transbordei em palavras , extasiei-me em sentidos . Nenhuma certeza restou-me, apenas a que atestava a fragilidade das respostas que damos a todas as perguntas .

Já não me reconhecia a mim mesma . As vozes, o ruído cessaram repentinamente ... naquele momento , só o silêncio era capaz de traduzir-me .

Tudo havia começado assim :

“ Por que estudar o processo de formação de professor ? “ Feita a pergunta

¹ Larrosa, Jorge . “Agamenon e seu Porqueiro ” in **Pedagogia Profana**. Barcelona: Autêntica, 1999, p.164.

e tentando fazer sentido sobre minhas indagações , respondia / escrevia ;

“Por acreditar que tendo consciência desse processo o professor torna-se agente de sua própria história , constrói condições para elaborar seu próprio fazer pedagógico , conscientiza-se de seus ideais e de seu papel social e político . O professor se apropria de sua própria produção e a redimensiona. (Caderno de anotações de para o TCC - 19/10/98)

O desejo pela Verdade , a necessidade de encontrar uma essência para todas as coisas , encontrar um caminho certo que conduzisse ao lugar certo , a busca por um espelho que convertesse em uma única imagem os fragmentos do eu que a vida se encarregava de desfolhar. Remontar a história , achar respostas , conduzir-me , ingenuamente definir-me.

Foram poucas palavras e muitos dias clivando idéias .

O projeto ingênuo diluía-se. Mas restava. Restava outro re-significado entre o efeito das leituras em mim . Engraçado ... há muito tempo não me sentia incomodada por uma leitura . Há muito as idéias não se animavam a se degladiar , mesmo porque nem havia percebido que a poeira já se assentara no pensamento. Impelida a mudar as coisas de lugar , experimentei sacudir um dogma aqui , um pré-conceito ali , distorci (ou torci?) uns pensamentos acolá , e fui ficando sem palavras para descrever a ausência que elas me produziam .

Foram-se as palavras ... abriu-se , pois um espaço infinito para produção de sentidos. E tudo tornou-se tão confuso quanto compreensível , tão dolorido quanto aprazível, tudo tão certo quanto duvidoso .

Abriu - se espaço para pergunta , para imaginação , para o diálogo com tantas vozes que me falam , com os tantos sentidos que me perpassam , com as tantas visões de mundo que me constituem ...

Pensei em minha formação , anos de Magistério seguidos depois dos anos de Pedagogia, que cursei tendo como contraponto a vivência em sala aula nos meus primeiros passos como professora de Educação Infantil .

A memória quis , então , buscar indícios : onde as palavras se perderam? Onde os livros foram esquecidos? Onde o entusiasmo pelo desconhecido se arrefeceu ?

Obrigada a uma disciplina e outra , frustrada pela distância entre os problemas do cotidiano da sala de aula e o falatório acadêmico , sem estímulo para leitura e muito resistente à escrita fui criando artifícios para disfarçar o desinteresse , o tédio , a falta de sentido procurando corresponder ao mínimo exigido.

Técnica da Bricolagem : Consiste em uma técnica de colagem de figuras recortadas de revista e ordenadas num contexto desenhado à lápis . (Caderno de Educação Artística - 3º ano de Magistério - 1992)

Desta maneira, estrategicamente, compus meus trabalhos universitários . Um autor aqui , uma citação ali , uma paráfrase acolá , a partir da leitura desinteressada e desinteressante de inúmeros textos que substituíam as obras , minha escrita foi se tornando um imensa , colcha de retalhos . Acostumei-me a escrever pelas idéias alheias . Perdeu-se o tempo da reflexão , a riqueza da troca de idéias , o apontar para os novos caminhos , perdeu-se a leitura que vivifica a prática , que ressignifica o vivido, a leitura que entusiasma, que suscita a deriva que te faz perder até criar a necessidade de encontrar . Porque na academia a teoria é preparação para a prática, leitura torna-se uma tarefa penosa a cumprir no processo de aprendizagem e a escrita uma tagarelice sem fim entre/com pessoas que nunca nos dizem nada .

Minha vida acadêmica conformou-se ao sedentarismo intelectual e ao marasmo dos discursos inflamados de vazio . A cada ano aumentava a frustração e a distância entre o que tentava buscar como professora e o que vivia como estudante .

A preocupação com a aquisição da escrita , com as concepções de linguagem e conhecimento que embasavam e orientavam minha prática , a busca por novas práticas que tornassem a mediação cultural pela linguagem o centro do processo de formação de meus alunos chocavam-se com minha experiência acadêmica . O sentido da aprendizagem foi se esvaziando .

Não teria sido sempre assim ? Já não me reconhecia como estudante . Abandonara os livros , os textos, a escrita . Agora só a escrita utilitária , sem paixão, sem vida , frígida , estéril . Eu, que passara horas entregue à leitura : leitura fruição , leitura informativa , leitura formativa . Eu que não me contentava com o que era oferecido , que buscava sempre mais , tentava sempre me superar . Esforçando-

me para me superar , perguntava-me agora onde estava aquela que eu fora. Brincando com palavras fui me escrevendo .

Driblando a falta de tempo para estudar e a frustração cheguei ao último ano de faculdade . Às voltas com meu último trabalho acadêmico , o TCC (leia-se Trabalho de Conclusão de Curso) , procurava encontrar nas páginas daquele livro², indicado por minha orientadora, as respostas para minhas tantas angústias . Naquele momento, o olhar turvo de estudante frustrada enxergava na pesquisa a possibilidade de ancorar-se numa “tábua de salvação” .

Tendo chegado ao quinto ano de exercício de magistério e infindáveis reflexões sobre a constituição do “ser professora” em mim e ancorada nas concepções de educação , linguagem , conhecimento , aprendizagem , desenvolvimento ... que vinha elaborando , desejava saber como , apesar das inúmeras contradições vividas — no processo de formação , a professora ia em mim construindo seu fazer pedagógico, constituindo-se no tecido de diferentes papéis nesta jornada de formação : estagiária, pesquisadora , estudante e professora .

... para chegar a verdade sobre si mesmo não há um caminho traçado de antemão que bastasse segui-lo , sem desviar-se , para se chegar a ser o que se é . O itinerário que leve a ' si mesmo ' está para ser inventado, de uma maneira sempre singular , e não se pode evitar nem as incertezas nem os desvios sinuosos . De outra parte , não há um eu real e escondido a ser descoberto . Atrás de um véu , há sempre outro véu ; atrás de uma máscara há sempre outra máscara ; atrás de uma pele outra pele. O eu que importa é aquele que existe sempre mais além daquele que se toma habitualmente pelo próprio eu : não está para ser descoberto , mas para ser inventado ; não está para ser realizado , mas para ser conquistado; não está para ser explorado , mas para ser criado. ³

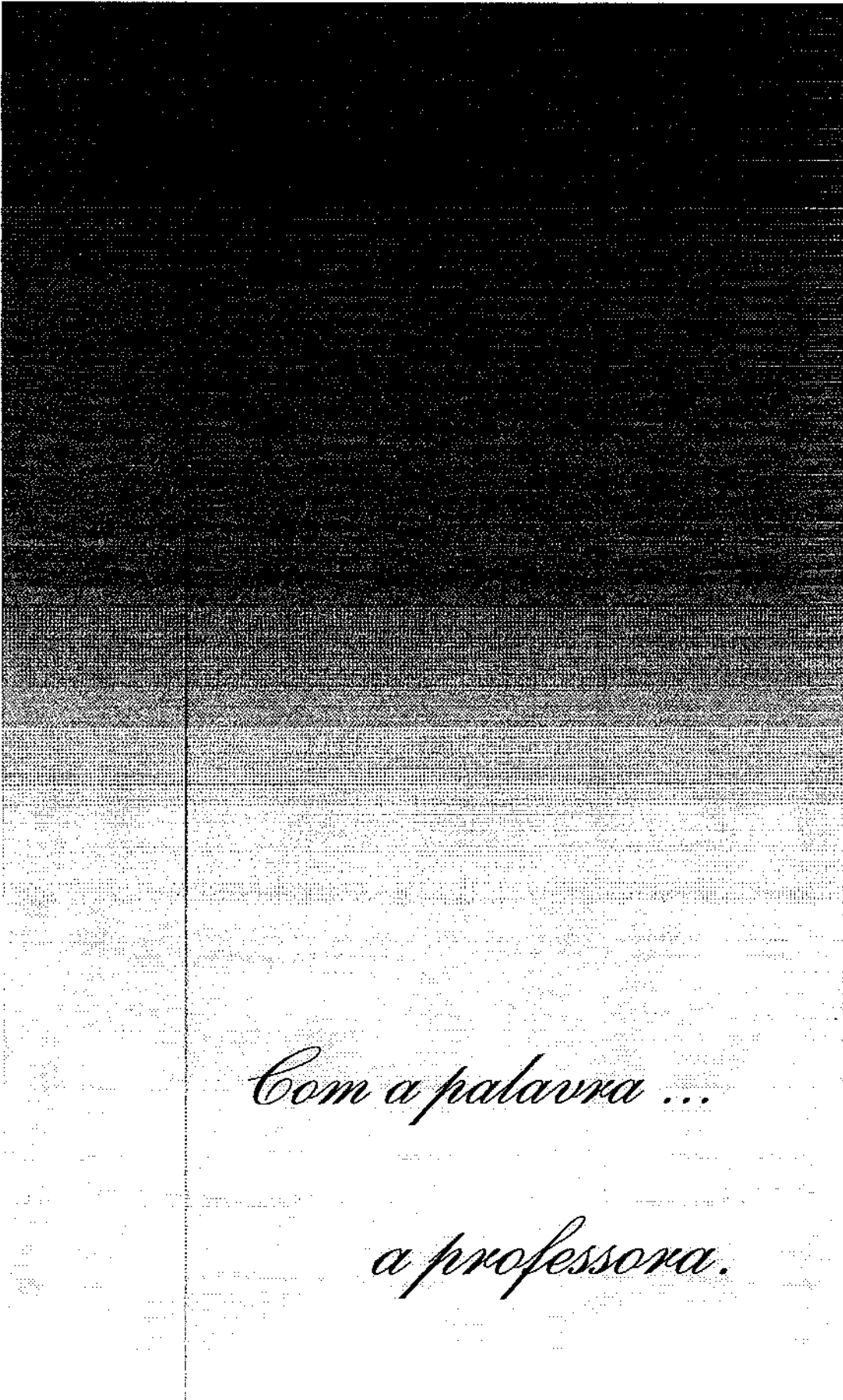
Onde termina ou começa o fio ? Não importa .

Importa sim seguir-lhes as tramas , recortá-las .

Importa fazê-la história em outras histórias .

² Larrosa , Jorge . **Pedagogia Profana** . Barcelona : Autêntica , 1999.

³ Larrosa , Jorge . “Os paradoxos da Autoconsciência”. In: ____ **Pedagogia Profana**.. Barcelona: Autêntica, 1999, p. 39



Com a palavra ...

a professora.

Agosto de 1997 ... A manhã estava fria e os casacos não conseguiam esconder os rostinhos sonolentos . Quando entrei na sala de aula do Anália Ferraz naquela manhã havia uma certa ansiedade no ar . As crianças logo perguntaram :

_ É hoje tia ? É hoje que você vai dar aula pra gente ?

_ Hoje vou contar uma história , a história das memórias da Bruxa Onilda.

E bastaram só essas palavras para que muitas outras nos fizessem embarcar numa viagem muito maluca .

Os olhinhos atentos brilhavam , tentavam captar , os ouvidos atentos às palavras e a imaginação de asas abertas , preparavam seu vôo rumo à liberdade . Irromper as paredes frias da escola , era tudo do que precisávamos para aquecer aquela manhã . ⁴

Memória ...Escrita ...História

Num pedacinho da história de um grupo de crianças de primeira série de uma escola municipal de Campinas , compartilhada e escrita por mim na condição de estagiária , enquanto cursava a disciplina Estágio Supervisionado nas séries iniciais do 1º Grau encontrei um trecho da minha história com a cor e o sabor que ainda não havia experimentado .

Relendo o vivido , registrado numa escrita literária , tentativa de romper com meus modos habituais de produção escrita , vivi a história dos meus alunos no movimento de recontar e reler a minha própria história .

Paradoxalmente , as palavras desse relatório escrito por mim dois anos antes , contavam-me mais sobre as dúvidas que me angustiavam , na tentativa de refazer o percurso de minha formação, do que todas as leituras que fizera a pretexto de derivar de minha história um tema de pesquisa . Também, paradoxalmente, só pude viver a experiência desta leitura a partir da leitura que fiz das histórias dos outros . Só pude me dar a ver/ler pelos olhos que se deram a ler/ver a mim .

Buscando compreender minha própria história como professora , fui tecendo palavras , cosendo leituras , buscando outras vozes no esforço de tentar perpassar os caminhos que me levaram e que me levam a ser essa outra que, por várias vezes , tentou escorrer pelas fendas dessa história: a professora que sou .

⁴ *Memória ...Escrita...História ...* Relatório de estágio realizado na 1ª série da Escola Municipal Anália Ferraz da Costa Couto , Campinas , 1997 .

Essa outra , uma incógnita sob os muitos véus e máscaras que as tramas das instituições nas quais estamos inseridos nos ensinaram a fundir ao nosso rosto. A professora que sou , que está aprendendo ser , deu voz a minhas angústias , localizou-me no universo confuso da pesquisa , seduziu meu olhar e me deu a ler/ver minha própria história com outros olhos .

Nas incansáveis sessões de leituras , fometei a ilusão de que na leitura, melhor dizendo , no conteúdo das leituras encontraria as respostas para as perguntas que me angustiavam . Quem é essa outra ? Meus olhos cansavam de procurar , página após página , livro após livro . Tentando encontrar-me com esta outra , dei-me conta que dela me afastava . Novas máscaras fui sobrepondo àquelas que tentava fazer ruir, procurava fazer sentido de fatos vividos , idéias concebidas , modos de fazer e pensar elaborados , longe de onde eles haviam se constituído . A professora , afastada por um tempo da sala de aula , por um desses descaminhos que as condições reais das instituições escolares nos levam a trilhar , se refugiou num canto da memória de onde ficou a me espreitar produzindo a sensação de que algo me faltava , apesar do encontro apaixonado com a palavra .

Memória...Escrita ...História ... Remexendo os registros e os fragmentos do que restou da professora que fui e que estou sendo, motivada pela leitura apaixonante do Memorial de minha professora e orientadora Roseli C. Fontana, encontrei aquele relatório de estágio junto às anotações de aula e o diário de campo do estágio que realizei . Com espanto e estranheza notei que o que propus àquelas crianças era exatamente o que hoje me proponho neste trabalho de pesquisa .

Vivendo as dificuldades e as delícias de me escrever e me contar a mim mesma vou me descobrindo e me enredando na palavra e na história do outro. Vou me lendo pela história e pela escrita do outro . Em sobressaltos vou me lendo e relendo o outro , vou me fazendo e refazendo , vou me desmontando e me recriando a cada nova tentativa de me ler de outra forma , vou me constituindo assim, como um ser transbordado em outros , para os outros , pelos outros.

Porém, faz-se necessário lembrar que não fosse o tempo consumido em leituras, o intuito de pesquisar na ânsia de aprender/conhecer para repensar / reelaborar e refazer minha prática pedagógica , não fosse o delírio que as palavras esparramaram sobre mim, não fosse o encontro com os tantos outros que me

constituem , talvez não tivesse relido esta história com olhos transbordados de paixão, talvez essa história não tivesse emergido da memória , nem impelido a necessidade e o desejo por sua escritura para transformá-la , enfim , em nossa história .

A professora.

A estagiária.

A aluna.

Três papéis:

uma mulher - professora

em constituição

Quando escrevi o texto intitulado “ Memória ...Escrita ...História ...” como relatório final e trabalho de encerramento do projeto que vinha desenvolvendo no estágio com um grupo de crianças da 1ª série da 1ª Etapa do Ensino Fundamental , já trabalhava há três anos como professora de crianças de 6 anos do Curso de Educação Infantil em uma escola particular de Campinas .

Nesta escola , trabalhávamos com o que chamávamos de “ pré-alfabetização “ . Como professoras “pré-alfabetizadoras” , pretendíamos proporcionar às crianças experiências significativas em relação à escrita , de tal forma , que elas fossem capazes de compreender os mecanismos da língua escrita podendo utilizá-la em suas interações dentro e fora da escola . Supúnhamos, com isto, estar trabalhando a funcionalidade da escrita ou a função social da escrita .

Apesar de tentar desenvolver meu trabalho ancorada no estudo e compreensão de concepções de linguagem , homem , educação , alfabetização ... ditas “progressistas” , sabia que minha prática não correspondia ao que eu desejava, estava mesmo distante do trabalho que julgava vir do encontro das concepções que tentava elaborar teoricamente e, apesar de compreender e conseguir analisar determinadas situações vividas no cotidiano escolar à luz das teorias que estudava na faculdade ou lia por conta, não conseguia elaborar um fazer pedagógico que correspondesse ao desejado/estudado e, tampouco, podia perceber/discernir que minha própria forma de conceber o conhecimento é que estava bem mais distante do processo epistemológico em que tais concepções eram elaboradas. Em outras palavras , criticava a cisão entre teoria e prática e ao fazê-lo não percebia que também dissociava um do outro no meu fazer pedagógico e na forma de compreender e atuar no meu próprio processo de formação .

Ao decidir em meu estágio, trabalhar com crianças de primeira série, tinha o intuito de estabelecer uma relação de proximidade entre as dúvidas que me instigavam como professora “pré-alfabetizadora” e o confronto com outras situações reais de alfabetização que , julgava poderem satisfazer minhas dúvidas . Mais uma vez , imaginava que observar (ver fazer), julgar , ler e compreender eram processos suficientes para eu elaborar um novo fazer e “aplicá-lo “ na sala de aula . Somava-se às minhas tentativas de elaboração deste papel social a pressão das angústias

produzidas pela cobrança das instituições educativas em que estava inserida ; a universidade e a escola onde trabalhava .

Quando cheguei à escola Municipal Anália Ferraz Costa Couto deparei-me com uma situação bem diferente da que buscava . Ao invés de encontrar respostas fui surpreendida por uma avalanche de perguntas que traduziam a exata medida das minhas angústias refletidas nas muitas angústias da professora cuja turma eu pretendia observar . As dúvidas avolumaram-se sob o olhar e orientação atentos da professora responsável por supervisionar o estágio .

Suspeitava que o chão sob meus pés começava a cindir .

Mesmo sentindo o abalo que se pronunciava em minhas concepções , disfarçava , não concebia, até então , que a dúvida e a insegurança seriam companheiras inseparáveis na viagem em que embarcara . Eu era professora , pior , era aluna da Unicamp , deveria saber tudo . Não ousava confessar isso nem que fosse só diante do espelho , mas no fundo era o que a trama das relações em que estava inserida e o jogo de imagens que nela se produzia , me faziam crer .

Cheguei à escola, secretamente ansiosa . Observava tudo. Sentia-me observada . O jogo de imagens instaurado . Aluna da Unicamp X professora de escola municipal X crianças de escola pública .

No primeiro contato com os profissionais que atuavam na escola , o melindre das palavras, denunciavam as imagens que estavam em jogo . Eu , a aluna da Unicamp , uma dentre os poucos escolhidos que sobreviveram ao afunilamento da educação e chegaram ao pódio dos afortunados, ao templo absoluto da verdade e do conhecimento ; a universidade pública , paradoxalmente , destinada a uma seleta parcela da população brasileira supostamente competente para a aquisição e produção da cultura .

Na imagem dos que me espreitavam naquela manhã de abril , eu era aquela que iria observá-los , criticar seus erros à luz dos conhecimentos aos quais tinha acesso pela universidade . Aqui como que refletida na imagem de estudante uma nova imagem tingia minha relação com a escola , a imagem do conhecimento . Escrevi em meu diário de campo , entre a vaidade e o receio , armadilhas cruéis que o conhecimento nos reserva ; “ Pareceu-me , aqui, que eu era a ‘dona do saber ‘ ,

aquela que por estar na Unicamp possuía conhecimento ilimitado”⁵. Este breve comentário , teci-o sobre as colocações que a coordenadora ou orientadora pedagógica me fez a medida que conversávamos sobre minhas expectativas e intenções em relação ao estágio.

Novamente como cenário das minhas inquietações o embate entre teoria e prática. Rememorei os debates sobre história da educação. Os séculos de história das lutas sociais brasileiras sedimentaram a herança jesuítica na estrutura educacional brasileira, produzindo a crença veemente na dicotomização da organização do saber , ao expulsar dos círculos teóricos “ os ofícios mecânicos “. O conhecimento tornou-se algo que se produz na universidade , somente por aqueles cuja competência intelectual os levou ao púlpito do saber , de onde agora podem, sob o crivo da verdade científica, analisar e julgar teoricamente as condições imediatas de existência e de produção cultural . Legitima-se, aqui, uma relação de poder que se sustenta na diferença sócio-cultural produzida historicamente pelas condições materiais de produção e organização das relações de trabalho no Brasil. No campo da educação restou ao professor(a) da educação básica materializar , aplicar o conhecimento que a universidade produziu. Temos enfim , como numa moeda , duas faces indissociáveis de uma mesma realidade; de um lado professores, de outro pesquisadores, de um lado escola de outro universidade, de um lado a produção do conhecimento, de outro a “aplicação” do mesmo .

Talvez , por isso , a coordenadora aflita e angustiada (por desejar o que lhe parecia impossível) insistia para que eu levasse para a escola todo material que pudesse enriquecer o trabalho das professoras , como a jovem recém casada que , perdida entre as panelas onde jamais julgou chegar , implora pelas receitas de sua mãe.

Num outro cenário , com novo figurino , via a história se repetir : saber onde se quer chegar, mas não saber como.

Apesar da aparente aflição da orientadora, falávamos de um mesmo lugar , ela como orientadora pedagógica e eu como estudante, ambas teorizávamos as relações de ensino e o ambiente escolar .

⁵ Diário de Campo, 10/04/1997

Lembro-me ainda, do olhar titubeante e receoso da professora .” Como se não bastassem minhas próprias dúvidas , o remorso pelos erros , uma orientadora para me perturbar com suas teorias , crianças que não aprendem , um maluco e um surdo , ainda tenho que aturar essa tal estagiária que, ainda engatinha num caminho que já faço de olhos fechados , e ainda vem para criticar o que faço ?” Foram as palavras que seus lábios não disseram mas, que em seu olhar cintilaram . Suas palavras foram gentis , ainda que trêmulas e hesitantes , acolheram-me junto a sua turma , aos seus anos de magistério , a suas inquietações e ao seu desalento .

Que poderia fazer eu naquela classe ? Por aqueles alunos ? Por aquela professora? E por mim ? Tive um sonho . Os sonhos sempre me acompanharam desde garota , intrigam-me ainda , parecem dar voz , cor e movimentos aos sentimentos , é como se o medo saltasse de repente debaixo de nossas camas como uma mão fria e úmida e nos puxasse para a sombra , abafando nossa voz , imobilizando nossos movimentos , assaltando-nos de nossos pensamentos claros , sorvendo-nos de nossas sensações , desligando-nos de todo e qualquer contato com o mundo , aprisionando-nos enfim, no breve e único instante em que inspiramos, num arrepio, nossa frágil existência .

Sonhara que entrara num labirinto de espelhos , muitas eram as imagens produzidas naquele caminho sem começo nem fim . Os espelhos traduziam-me de muitas formas , algumas simpáticas outras medonhas , algumas proporcionais , outras desconhecidas , umas retilíneas outras curvilíneas , em cada espelho uma nova configuração , em cada configuração um jeito novo de olhar . Os olhos descobriam o que não foram capazes de ver no espelho do quarto . Caminhar naquele labirinto era como caminhar dentro de mim guiada pelo olhar dos outros , eram muitos os começos, cada espelho apontava-me um novo caminho . Naquela profusão de percursos o único perigo era perder-se no olhar distante e retilíneo do espelho do quarto . Caminhei .

A classe recebeu-me com entusiasmo , até que enfim uma novidade para colorir a pasmaceira daquelas manhãs frias e escuras aprisionadas entre portões e paredes, num amontoado de gente , mesas , mochilas e desejos . O brilho nos olhos cintilava o anseio por uma vida por viver, um mundo por descobrir . Mundo proibido, mundo de adultos. Olhos brilhantes , sedentos , distantes , muito distantes dali . Olhos

que diziam o que o corpo e a boca tinham de silenciar . Não me lembro de braços e mãos acenando , pernas e pés vindo ao encontro , corpos frêmitos no abraço , rumores do encontro . Apenas uma sensação aprisionada na imobilidade daquele instante .

_ Oi !

_ Oi !

_ Tudo bem ?

_ Tudo.

_ Como é seu nome ?

_ De onde você veio ?

_ O que você veio fazer aqui?

_ Vai dar aula pra gente ?

_ Eu já conheço ela . Ela é minh....

_ Silêncio !!! Falem um de cada vez . O que ela vai pensar de vocês ? - e a pergunta arrastada para a sombra - E de mim ?

_ Ela é a Lisandra, gente. É estagiária da Unicamp.

Uma estranha sensação de peso caiu sobre meu corpo . Senti-me desconfortável dentro do meu próprio corpo .

_ É ! O que é isso ?

_ Ela está estudando para ser professora . Está fazendo faculdade . Sabe muitas coisas e veio aqui para nos ensinar , vocês e eu .

Os olhos turvaram neste instante , a sala girava .

_ O que ela vai ensinar ?

_ Ah ! Muitas coisas . Ela vai ensinar o que a gente não sabe .

Senti o chão fugir dos meus pés . Queria correr mas meus pés estavam amarrados , queria falar , mas não tinha voz . Foi, então , que naquele amontoado de crianças , mochilas , mesas , desejos , angústias , frustrações e expectativas , descobri a janela . Uma vasta janela de onde se avistavam um barranco , a rua e um pedacinho do céu . Por ela entravam um restinho de luz e calor que sobrou da manhã ensolarada, um restinho de vida , da vida que deixamos lá fora , como um cão cuja entrada nos recintos torna-se inconveniente à manutenção da tranquilidade e da ordem . Meu cão me espreitava lá de fora , fuçava a janela e latia para mim .

Então, era lá que eles estavam . Era para lá que iam quando sentiam o ar pesado , a boca amarga , o desconforto do corpo amarrado , da voz calada . Ficavam seus espectros imóveis e calados enquanto o menino se divertia na janela com seu cão vira lata .

Reagi .

_ Eu sou professora e estou mesmo estudando numa faculdade , mas ainda tenho tanta coisa para aprender que só lá na faculdade e com meus alunos não vou dar conta de aprender não , então vim para cá, para ver se vocês e a professora me ajudam também .

_ É , mas ela também vai ensinar . Lisandra, tem uma cadeira lá no fundo da sala se você quiser sentar lá , fique a vontade .

Vontade ? Vontade de sair correndo , pegar meu cachorro e ir passear na praça .

Começo do ano . Ai meu Deus , vai começar tudo outra vez . A outra professora está de licença, é seu segundo filho. Como fechou uma classe, vou assumir esta turma. Vinte quatro alunos de seis anos . A professora do jardim contou-me que teve problemas com as mães e com as crianças . São imaturos , lentos, alguns deveriam ter ficado no jardim , mas as mães não aceitaram a avaliação dela . A professora foi demitida no final de dezembro , numa manhã densa , tensa .

_ Não há alunos , o Colégio nunca sofreu uma crise tão feroz . Fecharemos classes para o ano que vem , mas não queremos perder nenhuma de vocês , sabemos que são excelentes profissionais .

_ Mas R , se haverá demissões precisamos saber , para organizarmos nossa vida .

_ Fiquem tranquilas, estamos lutando para não perdê-las . Agora o melhor que temos a fazer é trabalhar , planejarmos o ano que vem com otimismo , o melhor marketing da escola são vocês , o bonito trabalho que realizam .

A cabeça dói . Mexendo em papéis , planos de aula , atividades .

_ Li, é você quem vai assumir o pré da tarde o ano que vem ?

_ Não sei, ninguém me falou nada . Não sei porque nos mantêm nessa ansiedade , o planejamento está quase acabando e ainda não tivemos nenhuma resposta .

Em meio à crise daquele tenso final de ano, assumi a única classe de pré que restara no período da tarde , sem saber se terminaria o próximo ano como professora .

_ Li você será a professora enquanto a outra professora estiver de licença , porém, apresente-se aos pais como a professora e não como substituta .

_ Mas eu sou a professora ou sou a substituta ?

_ Você é, por enquanto, a substituta .

_ Mas e depois ?

_ Depois veremos uma outra função para você se não tivermos classe para te dar.

Semanas depois soube que a decisão de me colocarem como professora foi tomada sob pressão. Os pais não queriam que a professora licenciada assumisse .

O ano, enfim, começava . Os primeiros meses foram difíceis . As crianças tinham características que não havia ainda encontrado em turmas anteriores .

Lembrava-me a todo instante da fala da professora que trabalhou com eles na série precedente . “São imaturos , sem limites , provenientes de famílias super-protetoras , são ansiosos , não têm coordenação motora , não se interessam por escrita e leitura , são melindrosos , não têm tempo de concentração e atenção , não estão preparados para o pré e, o pior , as mães não aceitam nenhum destes argumentos” .

Questionei a avaliação desta professora e nas semanas seguintes , a estava reproduzindo para minha coordenadora numa reunião de orientação pedagógica .

_ Li, como está sentindo a classe ? As mães estão muito ansiosas e cobram uma posição nossa.

_ Ainda é cedo para eu dar um posicionamento mais consistente . Por enquanto , posso adiantar que as primeiras semanas estão sendo bem difíceis . Às vezes, flagro-me imaginando que estou numa sala de crianças de três anos assumindo uma postura de professora de maternal . Eles ainda estão me testando . Ontem , enquanto organizávamos a roda na linha (fundo da sala) para conversarmos sobre a semana, perdi quinze minutos tentando explicar-lhes que na roda sentaríamos sempre

de pernas cruzadas para que pudéssemos ter espaço para todos . Foi uma criança esticar a perna e eu chamar a atenção para que, imediatamente, outros cinco fizessem a mesma coisa . Tive de ser rígida para eles entenderem que ali quem definiria as regras seria eu .

_ O grupo como um todo é muito ansioso e emocionalmente infantilizado, falam todos ao mesmo tempo , choram se não são ouvidos na hora que querem , batem no colega ao lado se ele falar o que o outro estava pensando em responder , tenho até um aluno que se esconde em baixo da mesa e fica chorando quando eu lhe chamo a atenção . Não se interessam por quase nenhuma atividade desenvolvida em sala de aula , principalmente as que envolvem leitura e escrita . Passaria a tarde toda no parque ou na casa de bonecas com eles , mas quando se trata de sentar na mesinha para fazer atividades tenho vontade de sair correndo. Choram por quase tudo , por que não são os primeiros a serem ouvidos, por que não foram sorteados ajudantes do dia , por que não querem fazer atividades em folha e caderno , por que acham que são incapazes, por que não querem entrar em sala de aula Tenho ainda cinco alunos em adaptação depois de quase um mês do início das aulas .

_ Acho que nesse primeiro momento , seu papel é ganhar o grupo , definir as regras de disciplina e conquistar as mães . Tenho notado que você quase não sorri quando vai buscar as crianças no pátio na hora da entrada . Não se preocupe com o tempo , nem que perca alguns minutos do seu dia , é importante brincar com as crianças na hora da entrada e dar atenção às mães. Você está com uma postura de professora de primário que não é adequada às crianças da pré-escola .

_ Eu não concordo com você. Não é o fato de pegar minha fila sorrindo ou não que determina minha postura como professora e, se não tenho dado muito tempo para os pais na hora da entrada é por que estou respeitando uma regra da escola .

_ Mas neste caso é diferente , você tem que ganhar estas mães, elas são encenqueiras e não sossegaram enquanto a professora do ano passado não foi demitida . Se você ganhar as mães ganhará as crianças .

_ Vejo o problema por um ângulo diferente . Começo a notar que se produzo pequenas alterações na rotina ou nas atividades eles correspondem de uma forma diferente. Acho que ganhar as mães é importante , mas se eu não conseguir fazer com que as crianças sintam prazer em aprender e se sintam capazes para isso , de nada vai

adiantar eu ficar sorrindo para as mães e perguntando o que elas acharam do último capítulo da novela. Que tal pensarmos juntas novas estratégias de atividades , montarmos uma rotina diferente , mais dinâmica , preciso de novas idéias . Percebo que eles ficam muito cansados com o ritmo que estamos imprimindo , com o tipo de atividades que estamos propondo a eles e, principalmente, com as cobranças que estamos fazendo sobre o rendimento deles. Isto é que tem piorado a situação .

_ Não , o problema não é este , se cobrarmos menos estes pais vão reclamar e cair em cima de você . Por que não trabalha mais com jogos ? Explore mais o lúdico .
Li, você é a professora !

_ Dê-me algumas idéias , porque as minhas não estão sendo suficientes . /

_ Olha quando você escrever o enunciado de uma atividade , ao invés de pedir logo o que você quer que eles façam ,escrava antes uma história que os desafie .

_ O que eu quero dizer quando afirmo que eles não correspondem bem às atividades de papel , é por que tenho sentido que a forma como elas estão elaboradas não contemplam nosso objetivo maior de fazer com que as “folhinhas “ sejam registros do processo de elaboração do conhecimento e não um meio em si para garantir a memorização de algumas habilidades .

_ Agora sou eu quem não concorda . Segundo Vygostky , através da escrita a criança também elabora conhecimentos.

_ Concordo , mas não é isso que eu estou tentando ...

_ Lisandra a responsabilidade é sua eu não quero nenhuma das salas de pré além ou aquém do planejado. Confiamos esta classe a você por que acreditamos em sua competência . Mas pense bem no que vai fazer .

_ E quanto a responsabilidade da coordenação ?

_ Eu não quero encrenca com estas mães .

Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape

Que fazer , exausto,
em país bloqueado,
enlace de noite
raíz e minério?

Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)
presto se desata :

em verde, sozinha ,
antieuclediana,
uma orquídea forma-se.⁶

Nenhum sentimento nos é mais impiedoso do que a solidão .

Solidão do noviciado, a paisagem se estende lá fora . O corpo quase disciplinado , em prontidão e o olhar perdido do lado de fora da janela . Agora não há tempo para o gozo , a vida é a chuva que molha o lugar onde o tempo se gastou . Chuva ácida , tempestade . Perdeu-se o tempo da inocência , lá onde o mar violenta a rocha , onde o olhar desnuda a verdade , onde a palavra goza em silêncio . Deve deter-se agora a sua missão . Você foi escolhida , lembra-se ? Deve render-se a sua vocação (?) .

A menina , presa em sua cela . As paredes frias , úmidas , pegajosas e vazias , nem o musgo viera para habitá-las . O mofo as impregnava e dividia espaço com o único ornamento daquele deserto , um crucifixo . Nas mãos o catecismo. “A verdade está em Ti .” No silêncio , o rumor das palavras ditas em sussurro de oração rasga o deserto : “ Ajuda-me Senhor “.

Da única janela de sua cela , o lugar dos sonhos , como costumava pensar , a menina aflita avista as irmãs de profissão . Cantam glórias ao Senhor , tão certas de sua missão , passos firmes em sua caminhada, não vacilam, certas de sua vocação . Um aperto no coração , um arrepio percorre a espinha . “ Tem certeza que é isso que

⁶ Andrade, Carlos Drummond. Áporo. In: *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 192.

você quer fazer ? É preciso ter dom . A pessoa que escolhe esta profissão tem este dom no sangue . Não pergunta como fazer , é quase intuitivo . “

A confissão.

Do coração hesitante da menina um fio de voz trêmula soa em confissão “Senhor eu pequei, fiz tudo errado porque não sei como fazer . Perdoa-me Senhor , ainda tenho dúvidas sobre a minha escolha , perdoa-me mas, as respostas não correm em minhas veias e a minha intuição só me diz das coisas que não posso fazer , não posso aceitar senhor , não posso aceitar o calvário , não precisa ser assim . “

A iniciação

Que blasfêmia , menina ! O calvário é a sua , a nossa salvação ! Como ousa questioná-lo ? Ele é o único caminho verdadeiro. Vê como suas irmãs seguem firmes sua caminhada , não perguntam , não desconfiam , este é o segredo para o êxito da chegada . Quem tem o dom para esta missão não hesita , não duvida . A verdade está em ti , o caminho da pedra te mostrará . Cada um tem que carregar a sua cruz , ninguém pode ajudá-la . Se rezares por nosso catecismo em breve serás uma nós , escolhida pela Providência Divina . Vamos , o que queres menina ? ACEITA .

Flagelo em oração .

“ Perdoa-me Senhor , não sou como uma de suas irmãs . Não tenho passos firmes,, meus pés rejeitam o chão que me dá a pisar . Não sei o caminho , meus olhos anseiam por outra direção. Que me adianta o catecismo ? Gestos mecânicos e palavras vazias ? Onde está a Palavra que une ? Por que sinto-me tão só se tens a Igreja lotada ? Por que olhar para frente , contemplar o altar se as respostas que buscamos vem do murmúrio das pequenas vozes ao lado ? Diz-me, Senhor , qual a pena para o meu pecado?

Do alto de seus pensamentos , a menina mira a face oculta do devir ...

O ano começou difícil , precisava de mais tempo para planejar , precisava de mais tempo para ler , precisava de tempo para o estágio. Coursava a faculdade no período matutino mas, excepcionalmente naquele ano teria de transferir as disciplinas que deveria cursar para o noturno , senão não sobraria tempo para me dedicar ao estágio .

Não foi muito fácil negociar minha transferência para o noturno , infelizmente, paira na universidade a doce ilusão de que todos os alunos que nela chegaram , podem dedicar-se em tempo integral ao estudo . Esta não é a realidade da Faculdade de Educação, tampouco, a realidade dos estudantes brasileiros . Apenas uma parcela seleta pode se dar ao luxo de não trabalhar .

Cursei as disciplinas daquele ano com o pessoal do noturno. Estava entusiasmada, finalmente teria disciplinas que abordariam mais detalhadamente, os problemas que eu vivia no cotidiano da sala de aula .

Metodologia de Alfabetização , Metodologia de Ciências , Metodologia de História e Geografia e Metodologia de Matemática . Finalmente, um espaço para discutirmos o que de fato acontece na sala de aula .

Concepções de Alfabetização . Oba ! O processo de alfabetização sempre me interessou muito , ainda tenho muitas dúvidas sobre isso . Método sintético X analítico. A pata nada . Nada . A criança deve ser sujeito de seu processo de construção da escrita.

_ No estágio que eu estou fazendo a professora tem trabalhado , através de letras de músicas , parlendas , adivinhações , textos da cultura popular , a análise de palavras chaves , decompondo-a em letras e sílabas . O trabalho é quase sempre individual , as crianças escrevem palavras , completam textos mas ainda não os produzem . A professora , me contou , que está muito receosa por iniciar um trabalho com produção textual . Ela acha que primeiro eles devem aprender as sílabas, depois formar palavras , frases e, aí sim, estarão preparados para juntar frases e escrever textos . Porém , noto que ela está tentando ousar em alguns aspectos , sente que o trabalho que vem desenvolvendo não a satisfaz mais e tenta inovar , como, por exemplo, propor atividades em que as crianças trabalhem em grupos , tem tentado realizar produção coletiva de textos , dentre outras coisas .

_ Pois é , veja só, os alunos trabalham ocasionalmente em grupos , ela ainda não trabalha produção de texto , está silabando , ela é uma professora tradicional, está utilizando o método sintético e o método analítico alternadamente .

Pensei . Quantas vezes não me flagrei fazendo as mesmas coisas que esta professora fazia com seus alunos ? Sofríamos as mesmas angústias , tínhamos as mesmas dúvidas. Qual era a diferença entre mim e ela? Método sintético , método

analítico ... de que me adiantava saber classificar métodos , saber as contribuições da linguística para o processo de alfabetização , saber que a Pata nada , em nada contribui para a produção do conhecimento e, que “nóis vai , nóis vem “ também é produto de uma determinada cultura , se todo esse conhecimento não era capaz de iluminar e propor caminhos possíveis para as pequenas querelas do cotidiano da sala de aula ? Começava a sentir que a professora que eu era acumulava saber - fazer , e a estudante saberes , mas ambas não conseguiam se encontrar, e a frustração de saber-pensar mas não saber olhar , não saber-fazer aumentava a distância entre a prática e o estudo . Que tipo de conhecimento estávamos produzindo ?

Aula de Metodologia de Ciência .

A partir dos modelos de ensino de ciências que vocês acabaram de estudar , analisem três roteiros de uma atividade sobre o tema “ O Dia e a Noite “ desenvolvida com turmas de primeira série da primeira etapa do Ensino Fundamental, destacando neles os pontos positivos e negativos . Posteriormente, elaborem um plano de aula sobre o mesmo tema reelaborando os aspectos que julgou inadequados nos roteiros analisados .

Discussão em classe .

_ Professor, a professora do roteiro número um foi totalmente tradicional , usou como único recurso didático o livro de ciências , que diga-se de passagem, é muito mal elaborado . As crianças limitaram-se a ouvir as explicações da professora , que sequer perguntou o que as crianças já conheciam sobre o tema . Ao final , deu alguns exercícios que exigiam a memorização dos conceitos abordados . Um completo absurdo!

_ E seu grupo Lisandra , o que achou ?

_ Bom professor, acho que a professora já foi censurada o bastante , já a depreciamos em praça pública e a condenamos à fogueira . Só tenho a lamentar por sua pobre alma . Tenho sim algumas questões a fazer : primeiro , sabemos que as relações de ensino são profundamente determinadas pelas condições reais das interações que se produzem no cotidiano escolar entre histórias , culturas e modos diversos de ver e fazer que vão se entretecendo e constituindo uma grande rede de significados . Desta forma , como podemos isolar um fragmento deste processo e classificá-lo, categorizá-lo sem termos tido acesso à dinâmica de interações que o

produziu? No que se difere a concepção de conhecimento desta professora e a que está por trás do modo como estamos, neste momento, elaborando nossas análises? O que esta professora entende por aprendizagem? Como estamos compreendendo aprendizagem no exato momento em que realizamos atividades deste tipo? Professor qual a diferença entre a professora do exemplo que citou e nós? Será que, por que conhecemos (?), lemos, estudamos sobre as diversas concepções do ensino de ciências, e nos julgamos educadores “progressistas”, que parece que agora é o que se considera ‘verdadeiro’, por que supõe-se crítico e transformador, estamos assumindo uma postura muito diversa dessa professora?

A resposta: ?

Às vezes, sentia-me um peixe fora d’água. Às vezes, uma formiga tentando lutar contra um elefante. Acabava sempre me imaginando a queimar numa fogueira de vaidades. Como nos tempos de Inquisição, era considerado herege quem questionasse os cânones da Instituição. Vesti várias vezes o chapéu de bruxa, até perceber que era inútil nadar contra a corrente. Que fazer, então? Aprendi a dançar conforme a música mas, secretamente cultivava o asco por aquele teatro de fantoches e tentava inventar minhas próprias histórias.

Estava confusa. Enquanto professora sabia, sentia na carne e na lida que as coisas não poderiam ser entendidas assim de maneira fria e racional, linear e simplista, “*na sala de aula muitas coisas acontecem ao mesmo tempo e parece difícil decidir quais são os fatos pertinentes ao/ou relacionados com o processo de ensinar e aprender (...) Dizer que [sua] dinâmica é complexa, sintetiza de certa maneira este quadro, entretanto nada explica sobre os modos como no interior dessa dinâmica, se produz a aprendizagem e se constrói o conhecimento. Todavia, destacar a complexidade da sala de aula, faz emergir um conjunto de problemas sobre o funcionamento do ensino e da aprendizagem em um contexto que supõe uma quantidade de elementos infinitamente superior àquela geralmente considerada pelas teorias que pretendem explicar estes fatos*”⁷.

As idéias, banidas e censuradas, nos discursos “progressistas”, escorriam pelas paredes da faculdade, emolduravam os títulos de doutorado e pós-doutorado, mas permaneciam incólumes nas engrenagens da instituição.

⁷ Smolka, A L. B. e Laplane, A F. “O trabalho em sala de aula: teorias para quê?” In Cadernos Ese, Faculdade de Educação, UFF, nº 1, nov. 93.

Começava a pressentir que só havia um jeito de se produzir conhecimento na faculdade. Permanecer nela estando à margem dela .

Passado o primeiro mês , que chamávamos de período de adaptação , as coisas foram ficando mais calmas . Percebi que “ganhar” as crianças, tarefa que me impunha a coordenadora, era uma questão de tempo . Não adiantava impor minha autoridade eu precisava conhecê-los para poder conquistá-los . Eu precisava me deixar conhecer , estabelecer um vínculo , uma cumplicidade , um sentimento de companheirismo, de coletividade . Eu precisava fazer daquela classe de 24 alunos uma turma .

Comecei a notar que o conhecimento para eles era um fardo difícil , algo que eles não se sentiam capazes e nem motivados a conquistar . Inicialmente , achei-os imaturos demais .

Passei o primeiro mês fazendo reuniões extras com as mães para reclamar com elas do que eu não dava conta em sala de aula :

“ Desde o início do ano a classe vem apresentando características /atitudes bastante infantilizadas como testar uma regra só para ver como eu reagiria Um destes momentos aconteceu no início de uma de nossas tardes quando habitualmente sentamos no fundo da sala de aula num círculo para conversarmos sobre o dia , estabelecermos nossa rotina e discutirmos o tema gerador que estamos estudando . Nos primeiros dias de aula estabelecemos uma regra para ocuparmos este espaço ; todos deveríamos sentar de pernas cruzadas para que pudéssemos ter espaço para todos os amigos . Em uma de nossas conversas na linha dois alunos dizendo que suas pernas doíam , esticaram as pernas . Tentei retomar a regra estabelecida e pedi que fossem até o banheiro para andar um pouco e ver se perna parava de doer . Houve, então , forte resistência à regra .Os meninos recusaram-se a dobrar as pernas e a ir ao banheiro . Mediante a reação dos dois mais, algumas crianças também esticaram a perna para ver o que eu faria . Tomada de susto por aquela situação tirei as crianças da linha e sentei-as nas carteiras sob o pretexto de que se não sabiam sentar em grupo e respeitar uma regra para o bem estar de todos deveriam , então , sentar sozinhos . Nas mesinhas permaneceram chorando e durante todo o resto do dia se recusaram a participar das atividades propostas .

Outros comportamentos também me levam a crer que possuem tempo de concentração e atenção bastante limitado . Dispersam-se facilmente durante as conversas da linha (momento em que propomos e desenvolvemos o tema gerador), durante a problematização das atividades e principalmente durante a realização dessas atividades, sobretudo aquelas em que a gama de informações é maior que o limite que conseguem processar .

A dificuldade encontrada em algumas atividades que propõem o desenvolvimento de algum conceito ou habilidade que a maioria ainda não domina é encarada , a princípio, como um bloqueio que gera ansiedade , desistência , atitudes infantilizadas (se esconder embaixo da mesa) e falas como: ‘ Eu não vou fazer porque não consigo ‘ ou ‘Faz para mim ? ‘ .

Essa dificuldade tem sido paulatinamente solucionada , porém , com algumas limitações pois as crianças requerem de mim atenção exclusiva em demasia. Tenho , na medida do possível, dividido as atividades de folha em vários momentos , intercalando-os com momentos de jogos , brincadeiras e outras atividades mais lúdicas. Tenho tido aqui resultados positivos , porém, estou com muitas atividades atrasadas em virtude de não conseguir trabalhar duas delas por dia como de costume .

Também não conseguem atender mais de uma ordem por vez como, por exemplo , : “ arrumem os materiais na caixa , guardem a atividade que estavam fazendo na pasta e peguem a pasta de lição de casa. “

Não conseguem ainda se organizar em filas para nos locomovermos pela escola . “⁸

Intrigada e angustiada com a falta de envolvimento de meus alunos nas atividades propostas e sem vislumbrar outras possibilidades, repetia-me na avaliação a chamá-los de imaturos e infantis . Sentia-me perdida , atolando os pés em terreno lodoso , e por mais que tentasse me mover , afundava naquela lama fria e quanto mais afundava, mais sentia que os movimentos me faltavam .

A insatisfação de alguns pais , a pressão da coordenação , os comentários maliciosos que murmurados entre as colegas de trabalho ecoavam nos corredores e por trás das portas, e os olhares iam me petrificando . Naquele mundo de concreto

⁸ Fragmentos do Relatório de Avaliação da classe Infantil 4 C apresentado à Coordenação, retirado do meu caderno de anotações de 1997.

edificante eu tinha duas alternativas , deixar-me seduzir pelo olhar da Medusa e me deixar transformar em bela escultura daquela galeria de pedra ou desafiar a Medusa , sem contudo , faltar-lhes os atraentes olhos da comodidade .

O espelho era minha salvação . Mirar a Medusa , sem olhá-la nos olhos , captar seus movimentos e suas intenções nos interstícios dos acontecimentos . Era preciso rapidamente aprender a olhar diferente , enxergar por outros meios que não os frágeis olhos condenados ao poder petrificante da Medusa .

Comecei a experimentar , me arriscar em estratégias diferentes para descobrir o que é que faltava em minha com os alunos. De que forma eu poderia “ganhá-los”, como me sugeria a coordenadora da escola , sem me impor autoritariamente , obrigando-os a viver a relação de ensino e aprendizagem como uma tarefa a ser executada , uma obrigação diária , somente prazerosa para eles , quando descobriam nela as falhas e brechas, ou quem sabe a janela .

Nesse processo , descobri que escrever o que eu vivia , muitas vezes em tom de desabafo , num caderno de anotações que eu guardava a sete chaves e que me acompanhava em casa e na escola , aliviava a sensação de impotência diante das questões que me preocupavam .

A escrita ia entrando de novo na minha vida pelo trabalho. Primeiro como desabafo depois , percebi que registrando minhas dificuldades e descrevendo minhas ações , pensava melhor sobre elas . A escrita me dava a distância necessária para que eu reorganizasse mentalmente minhas dúvidas , dissecasse minhas ações e vislumbrasse possibilidades de novas ações e de novas interpretações para as dificuldades encontradas .

Com a escrita, re-encontrei um outro modo de ler , surgido da necessidade de jogar luz sobre as próprias dificuldades.

Enquanto escrevia materializava as dúvidas , dava contorno às idéias , iluminava , a partir das tantas leituras que ia fazendo , conceitos que eu estava elaborando no meu fazer . Começava , enfim , a perceber-me enquanto professora , a olhar mais detidamente para os outros que partilhavam comigo as relações na escola , e que davam sentido a esse lugar : meus alunos , colegas de trabalho , os pais dos alunos .

Todas as quintas - feiras punha-me em pé bem cedo . Os olhos ardiam de tanto sono . Automaticamente acordava antes do despertador , seria muito desagradável chegar atrasada , além do mais gostava de chegar antes da professora , sem a presença dela as crianças soltavam-se e conversavam mais a vontade , podia, então, conhecê-las melhor . Contavam-me sempre as novidades da semana , o que tinham feito , o que haviam gostado , o que fora chato e doloroso aturar . Ali, como estagiária , eu podia ter acesso a um mundo, ao qual muitas vezes me era vetada a participação na condição de professora . Eu podia enxergar do outro lado .

A caminho da escola municipal onde estagiava , ia debruçada sobre meus pensamentos , os olhos perdidos na paisagem que passava rápida pela janela . Pessoas cabisbaixas andando freneticamente a caminho do trabalho .

Freneticamente, como formigas apressadas , as crianças entram no pátio da escola . Ainda existe o desejo do toque , as crianças se abraçam , se dão as mãos , entrelaçam as cinturas umas das outras para andar, assim bem juntas, aquecendo-se e formando uma forte corrente capaz de carregar o que tem pela frente , o princípio de união ainda pulsa latente .

A vontade de falar corrói os ânimos de quem não tem paciência de esperar a vez . Foram tantas as aventuras na tarde passada , tantas descobertas que, muitas vezes, entre uma tarefa e outra , as palavras saltam à boca num impulso descontrolado de se materializarem na imaginação do outro .

As figurinhas e álbuns são a sensação do momento . A euforia é tanta para descobrir mais detalhes sobre os ídolos do futebol ou dos desenhos animados , que nem se lembram das dificuldades que tiveram na aula passada para soletrar esta ou aquela palavra , para decodificar aquela sílaba mais difícil que a professora não ensinou ainda , para juntar esta letra com aquela para formar DA ou PA . Os olhos atentos vão percorrendo as palavras e os sentidos vão saltando ao texto nas muitas vozes que lêem juntas .

Os olhos atentos brilham ao ler o bilhete apaixonado do menino mais bonito e também o mais esperto da classe . Com letras tortas e espelhadas descobre que só pelo sigilo de um bilhete clandestino pode declarar seu amor proibido . Por que na escola não é lugar de namorico e criança não sente essas coisas . Que se dane se a

professora que ainda não ensinou o T e que “belesa” não é com s e sim com z , ele me acha bonita e escreveu isso , eu li , eu li !!

O corpo ainda frio , corpo displicente que desconhece amarras invisíveis , anseia pelo calor do sol , pela liberdade do campo aberto , convite indecente para esticar as pernas e correr , correr , correr ... tentar chegar onde as pernas puderem levá-los .

De repente, o silvo estridente de uma campainha avisa que é hora de guardar o sonho na mochila , por que agora começa a vida de verdade e na aula não é lugar de falar de coisas que não sejam da lição , o que importa é o que a professora vai falar. O que você fez ontem fora da escola não interessa para ninguém , cada um cuida da sua vida . E solta o braço do amigo por que andando assim, grudado um no outro, vocês perdem muito tempo e tem hora para a aula começar .

As vozes emudecem . Os corpos se distanciam , se imobilizam . Mecanicamente , os materiais escolares são retirados da mochila . O caderno sobre a mesa . Os olhos pregados na palavra enquanto o pensamento voa livre , vai buscar a vida que ficou presa do lado de fora da sala .

_ Prestem bastante atenção . Hoje vamos fazer uma brincadeira interessante que os avós de vocês brincavam quando eram crianças .

_ Vamos brincar de parlenda. Vocês não sabem o que é parlenda ? Então, vou procurar no dicionário .

Leu e explicou :

_ Parlenda é uma discussão ou rixa . Entenderam ?

_ Como assim professora ?

_ Ô gente, vocês nunca ouviram aquela brincadeira do ‘Um , dois , feijão com arroz ‘?

_ Ah, é isso ?

_ É . Vamos fazer logo a atividade que vocês vão entender .

Uma folha mimeografada sobre a mesa . Frases incompletas , olhares indiferentes .

_ Vamos falar uma vez a parlenda para ver se todos lembram como é ?

A cantilena durou alguns minutos sonolentos . As tentativas da professora de espantar o tédio foram em vão .

_ Explica logo o que é para fazer , professora !

_ Vocês irão completar as frases escrevendo os numerais por extenso . Quem não lembra copia da lousa .

Logo que esta atividade acabou a professora pediu o caderno . Continue a sequência :

ZERO , UM ...

DEZ, NOVE,

_ Quem não conseguir escrever os nomes dos números ainda pode pedir ajuda para o amigo .

_ Oba ! Professora já terminei posso ajudar meu amigo ?

Logo o silêncio foi irrompido pelo burburinho das vozes suplicantes : Cinco é com C ou com S ? Olha aqui faltou uma letra . Você escreveu tudo errado , apaga que eu vou te ajudar .

_ Ah , Há , há ... você não sabe escrever , não sabe , não sabeeee !!!

Pláfi !!

_ Sai catando que eu vou te dar porrada, moleque !!!

_ Professora ,olha o fulano ,vai bater no beltrano !

_ Menino , pára com isso , vou chamar a diretora !

A sala parecia uma panela de pressão pronta para estourar a qualquer momento ...

_ Primmmmmmmmmmm!!!!

_ Peguem o lanche e saiam devagar .

Ai , graças a Deus ! Já estava morrendo de dor de cabeça .

O rosto estampava as marcas do cansaço . Foram anos dedicados ao magistério, turmas de 30 , 40 e poucos alunos . Crianças de todos os lugares , e crianças sem lugar nenhum, de todos os sexos , de todas as cores e crianças e crianças quase invisíveis , de todos os jeitos , e crianças sem jeito nenhum , crianças da favela e da cidade, crianças nascidas no amor e os filhos da indiferença , crianças bem nutridas e crianças famintas, famintas de tudo que os olhos vêem e as mãos não alcançam . Nos olhos da professora ainda tem um pouco de todas elas misturado ao que restou dela própria .

“ _ Antigamente elas eram mais quietas , bastava a professora olhar e já se emendavam , agora a gente pede , implora e o silêncio não vem . Eu sei , eu sei que é bom para elas trabalharem em grupo , já li que ajuda na aprendizagem , e tenho até reparado que algumas crianças aprendem melhor quando é o amigo que explica a lição . Mas ainda não me acostumo com o barulho delas , eu fico meio atordoada e, depois tenho que tomar cuidado. Se eu bobear perco a rédea da situação. Eles são fogo ! Apesar de tudo gosto do que faço e me preocupo com os que não aprendem , acho que tenho dado atividades que correspondem ao rendimento da maioria e tenho dado pouca atenção aos mais fracos , mas também, você vê , são muitas crianças nem tem espaço para todas na sala .”

As mãos meio trêmulas , a boca medindo as palavras para que não saíssem nem tão compridas nem tão curtas . Os olhos desconfiados da professora desconfiando dos meus , o que os meus poderiam estar enxergando nela ? “Será que ela vê que, às vezes, fico meio atarantada , sem saber o que fazer , o que responder a ela e às crianças ? Será que ela vê que ela escuta o grito por socorro que fica preso na garganta , engasgando as palavras ? Meu Deus será que ela viu o receio que se disfarça nos meus gestos? Será que ela sabe que, às vezes, eu não sei ? Os olhos dela que já viram tantas coisas na faculdade , que já leram tanto , será que eles viram mais que os meus ? Se eles viram será que enxergaram tanto quanto os meus ? Será que nesses anos todos eu enxerguei alguma coisa ? O que será que ela vê ?”

/Quería conhecê-la melhor , ela que já lecionara tantos anos , já vivera aquelas manhãs tantas vezes , que já se deparara com tantas situações difíceis e que sobrevivera , ela que talvez , apesar das diferenças do modo de olhar e fazer , teria muitas coisas a me ensinar , como por exemplo , não chorar mais quando eles se vão e na classe vazia damos conta de tudo que, naquele dia, não soubemos fazer / resolver , ou como não sentir mais a presença da solidão que nos imobiliza , que nos acovarda.... apesar da diferença do modo de olhar e de fazer , às vezes, nem tão diferentes assim, será que ela não teria alguma coisa para me dizer ? /

Tentei me aproximar , meio sem jeito , meio sem palavras , o olhar desconfiado desconfiando do olhar dela . O que será que ela via em mim ? - “O que essa criança veio fazer aqui ? O que pensa que sabe mais do que eu ? Tenho a idade dela só dos anos vividos como professora . Ela pensa que só a teoria que ela estuda lá

na faculdade resolve . Pobre criança , não sabe da missa a metade . Veio aqui para me ver e contar lá na faculdade o que eu não sei fazer do jeito que eles lá acham que é certo . Mas também ficar lá sentadinhos , estudando é fácil , quero ver eles aqui com estes pestinhas , tentando fazer bonito . Ah , isso é que eu queria ver !”

Às vezes, pensamos demais sobre o que outros pensam de nós e nem nos damos conta do quanto acabamos sendo e fazendo exatamente o que não queríamos que outros estivessem pensando de nós .

Enfim , precisava acabar com aquelas reticências intermináveis em nosso relacionamento , precisava fazer aquele jogo de imagens mudar de figuras . Pensei em meus objetivos , o que estava fazendo ali ? Para onde estava olhando ? O que eu queria enxergar afinal ?

Notei que entre a professora e eu havia muitas coisas em comum . Eu não a conhecia , mas, às vezes, tínhamos modo de agir e sentir parecidos . Comecei a perceber quem era aquela professora , não a pessoa dela em si , mas quem era a professora que, inserida numa determinada instituição, situada histórica e socialmente em nossa história comum , em nossa história social , ia tecendo sua história e a de seus alunos desta ou daquela forma , ia aprendendo a lidar com as situações , ia engendrando relações , ia se acomodando às fôrmas , às camisas que nos oferecem a vestir e ia , assim , se constituindo como a professora que era. Será que ela se dava conta desse processo ? Comecei a me dar conta dele em mim .

Começava a notar que já via as coisas por outro ângulo. As coisas já não tinham as formas achatadas que me ensinaram apreciar . A beleza da arte não estava na simetria , nos ângulos perfeitos , na sintonia das cores , na nitidez das imagens, na regularidade dos traços . A beleza da arte estava na tinta que escorreu e o pintor transformou em pássaro voando livre , na rachadura que desfocou a forma perfeita da escultura mas permitiu que o escultor enxergasse através dela. A beleza da arte estava em aprender fazer , aprender a transformar cada situação inusitada em uma obra - prima .

Mostrei-me como era ; uma professora-estudante que tinha muito a aprender com o próprio trabalho, com o trabalho dos outros e com o estudo . Falei das minhas dificuldades de noviça na profissão , do quanto eu ainda precisava estudar, das respostas que não obtinha nem estudando , da solidão do noviciado , da covardia

díante do sistema que nos devora . Ela ouviu-me atentamente e pouco a pouco as palavras foram lhe saltando à boca sem medidas , pude ver como era seu olhar desnudado das habituais dores do ver , e seus gestos ... agora muito mais leves e seguros .

“ Defino-me como uma professora tradicional . Logo que comecei a dar aula para a primeira série , eu não a escolhi me deram esta série por que estava sobrando , usava a cartilha , não sabia fazer outra coisa . Acabei gostando de alfabetizar, porém , sabia que havia algo de ‘ errado ‘ em meu trabalho . Os alunos não se sentiam interessados pela escrita dentro da sala de aula . Aprendiam a escrever mas não gostavam do que faziam . Via seus rostinhos de contentamento quando escreviam , na hora do recreio , bilhetinhos para os amigos, tabelas e placares dos jogos , era diferente de quando tinham de escrever as frases e exercícios que eu propunha . Isto me incomodava muito, então , comecei a fazer cursos ministrados pela prefeitura que abordavam o processo de alfabetização na proposta construtivista . Na mesma época vim para esta escola e me identifiquei com a orientadora pedagógica que estudava a mesma proposta que eu .

Tenho lido muito , mas só isso não me basta . Preciso de alguém que me ajude a fazer , que me ensine mesmo como fazer . Eu não quero receitas , quero poder discutir minhas dificuldades , trocar idéias com outros profissionais sem aquela competição mesquinha que não leva a nada . Outro dia percebi como a ajuda da estagiária é importante . Fiquei de estagiária da minha classe , enquanto, uma outra estagiária dava aula no meu lugar . Vi tanta coisa que eu não percebo quando estou lá na frente . Eu não sei muitas coisas sobre meus alunos .

Ser professora é difícil , eu sempre encontrei muitas dificuldades e tenho muitas dívidas , mas eu procuro estudar , entender e mudar para ver se eu me aposento com menos dificuldades e dívidas .”⁹

| Partilhávamos nossas histórias , sem receios nem desconfianças . Partilhávamos as mesmas dores e angústias e o mesmo desejo por mudanças . Sozinhas éramos apenas professoras cada qual com seu celeiro de desilusões e esperanças , rendidas , frustradas , sonhadoras e idealistas , mas juntas nossas vozes

⁹ Depoimento da professora da 1ª série em que estagiava na Escola Municipal Anália Ferraz registrado em meu Diário de Campo em 12/06/1997 .

se faziam ecoar, tínhamos mais força , mais coragem , mais motivos para lutar , para ousar . /

“Damázio , quem dele não ouvira ? O feroz de estórias de léguas , com dezenas de carregadas mortes , homem perigosíssimo .”¹⁰

Damázio entrou em minha história , assim como Sílvia , Marcelo, Pedro , Luiz , Aymara , Tiago , Antonieta , Marina , Nicolas , Pedrinho , Roseli...

Damázio , um capataz , assassino , pistoleiro famigerado . Famigerado, não fosse esta palavra , talvez Damázio não tivesse se metido em minha história . Mas ele, um matuto esperto , de pele curtida das mazelas do mundo dos homens , vindo lá da Serra , nascido em João Guimarães Rosa, em suas *Primeiras Histórias* , formado na vida e à serviço da morte entrou em minha história , veio cobrar o que o mundo lhe assaltara , o que a ele foi negado por que não tivera a sorte de nascer em berço esplêndido .

Damázio sabia que o que queria não era para ele , mesmo assim insistiu , sem aquilo não podia continuar , sua honra de cavaleiro sagaz , arguto poderia estar a perder-se , ou talvez cometesse um crime horrendo , matando alguém que não o merecesse .

Mas Damázio não o buscaria assim , de cara limpa como quem vai à farmácia e compra sal de frutas para acabar com o incômodo gástrico. O que o incomodava ele não podia buscar assim , porque sabia que não era para ele , não fazia parte de seu mundo. Mundo árido. Não tê-la significava muito . Significava, por exemplo , o rumo que tomou em sua vida . Damázio era respeitado e temido , senhor dos senhores, mas não no mundo de verdade , não no mundo direito . Damázio era senhor num mundo clandestino , mundo torto , às avessas , no mundo dos becos , das emboscadas , das trincheiras . No mundo de Damázio , fala-se pouco. As letras miúdas , as palavras secas , o verbo brusco têm mais valia. Neste mundo , fala-se com as armas e escreve-se com sangue . Não é preciso muitas letras para se escrever sua história .

¹⁰ Rosa, João Guimarães . “Famigerado”. In__ *Primeiras Histórias* , p. 8.

Por isso , Damázio armou-se. Não, não enfrentaria um pelotão , mas o que buscava também demandava guerra . Guerra silenciosa , velada . No jogo de olhares , olhares ínvios . Nesta luta , cada um joga como sabe para se obter o que se quer , às vezes , o que se precisa , assim como aconteceu com Damázio.

Damázio precisava , tinha de saber, mas sabia que conseguiu-lo sem macular sua honra , seu orgulho , era questão de guerra . Ele sabia que poria frente a frente dois mundos ; o torto e o direito . O afortunado e o miserável . O bom e o ruim . Todo cuidado era pouco .

Foi, então, buscá-lo onde julgava ser sua morada . Em casa de gente pequena , despossuída das quimeras da vida é que não podia ser . Nas emboscadas , em boca de capataz , só dente podre e sangue azedo . Nos caminhos muita gente para informação torta , gente que finge menos ignorância .

Em casa de doutor ou de padre . Gente instruída , de fino trato . Gente de mão lisa de tanto amaciar folha de livro . Gente de letras , de palavras .

Primeiro fez-se o jogo , a fala grossa , pontuada de silêncios e dificuldades , o corpo impávido alertando o perigo de ser contrariado , gestos ríspidos , curtos . A intimidação . No ar toda a linguagem que dispensa as palavras , linguagem forte , de quem não aprende dizer com palavras , de um lado que vale mais a força . Damázio disparou ,então, em direção ao doutor :

“ _ Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é : fasmigerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... famílias-gerado... ?”¹¹

Intimidado , entre o medo de falar e o receio de calar , decidiu-se o doutor:

“ _ Famigerado é inóxio , é célebre , notório , notável ...

_ Pois ... e o que é que é ,em fala de pobre , linguagem de em dia-de-semana

_ Famigerado ? Bem . É : ‘ importante ‘ , que merece louvor, respeito ...”

_ Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída !”¹²

Era isso , Damázio viera buscar a palavra que não cabia em fala de pobre , em fala de gente como ele. Viera buscar o conhecimento das coisas proibidas em seu mundo , coisas que as gentes do caminho não poderiam lhe contar , coisas que a macheza do braço não dá , só padre ou doutor , gente das letras para entender . Não era para ele homem matuto , erva rasteira do sertão .

¹¹ Idem, p.10

¹² Idem, p.11

Damázio chegou assim , sem mais nem menos , contando a seu modo a sua história , a história do conhecimento , imagina , ele homem árido que julgava não saber , foi mostrando de mansinho , sem perder a pose com poucas palavras que na vida existem dois mundos nos quais as pessoas vão se encaixando , por onde vão se dando a ver , um dos que sabem e um dos que não sabem. O que se sabe das letras e o que não se sabe , não importa tudo que já se aprendeu na vida , o que não se sabe das letras . Sem barulho estes dois mundos lutam o tempo todo, para mostrar quem é mais forte , quem é melhor , quem é que manda . Luta velada , cruel . Conflito e poder.

Damázio procurou a palavra como a um foco de luz para alumiar seu desentendimento , para justificar sua ação .Sabia que aquilo não era para ele , mas precisava deste saber para se resolver na vida . E foi se dando a entender aos pouquinhos , nos olhares , nos gestos . Sua intenção transbordava o ritual do encontro, foi se dando a ler aos goles .

Vi um pouco de Damázio em outros rostos . Vi Damázio naquela professora , vi-o em mim mesma tantas vezes e fui entendendo melhor o que eu buscava e o que ela também precisava .

Éramos como Damázio , quando relaxado , dizia : “ A gente tem cada cisma de dúvida boba , dessas desconfianças ... Só para azedar a mandioca ...”¹³

Damázio , veja só , que nunca fora dado às letras , era feito de letras e entrou na minha história , e se costurou neste enredo e me fez entender melhor as coisas da vida , contando-me um pouco , com suas curtas palavras o que a verborragia do mundo direito não conseguia explicar. Ele me fez ler na sua vida feita de letras o que só as letras não podem mostrar , ele fez a palavra viver dentro de mim e aflorar em cada novo gesto , em cada novo fazer . Fez a palavra, o conhecimento , que não eram feitos para ele, ter um novo sentido . “Não há como que as grandezas machas duma pessoa bem instruída !”¹⁴ Diria Damázio .

Todas as manhãs levantava bem cedo num mesmo ritual . Aguava os olhos para espantar o sono e, em gestos mecânicos, ia para mesa da cozinha . Cadernos, livros, canetas e papéis . A mesa forrada de desejos, sonhos, expectativas . O dia me

¹³ Idem, p.12

¹⁴ Idem, p.12.

perguntava; como seria aquela tarde ? .Como um artista se prepara para entrar em cena , também eu me preparava antes das aulas . Pensar o que trabalharia com as crianças , que conceitos , que palavras usaria , de quantos modos abordaria o conteúdo estudado . Tentava prever a reação das crianças . Eu não sei como em cinco anos não abandonei esta prática obsoleta . As crianças sempre foram mais criativas e me surpreenderam em suas expectativas e reações .

| Durante o noviciado minhas manhãs eram tensas . Escrevia , escrevia, escrevia e nos últimos minutos , às vezes , poucos minutos antes de entrar em aula eu mudava tudo , replanejava . Sofria com a falta de idéias , com a carência de estratégias . Ensimesmada com meu não-saber-fazer recorria aos livros , material didático , revistas e a tudo que me pudesse ajudar . Testava estratégias lidas em revistas de educação , tentava imitar minhas colegas de trabalho , mas não ousava muito, ainda não sabia manter o controle e a atenção dos alunos . /

Sabia porém, que só não poderia contar com minhas colegas de profissão na escola onde trabalhava . Revelar minha ignorância , minha falta de traquejo era entregar de bandeja meu pescoço . Fazia parte do ritual de iniciação o silêncio das demais . Era como um alerta avisando que o espaço já tinha dono . Há anos duas professoras lecionavam na mesma série .

_ Espero que você não seja como a outra professora que assumiu esta classe o ano passado junto com a gente. Ela perguntava demais . Nossa , era tão insegura não sabia fazer nada sozinha .

_ É, não tinha personalidade .

Logo percebi que a intimidação era uma das estratégias para demarcar o lugar de cada um nas relações . As professoras mais antigas ocupavam o lugar das que detinham o “saber-fazer” legitimado pela coordenadora que as tomava sempre como exemplo e modelo de “boas-professoras” para o grupo . As mais novas , recém-formadas no curso de magistério da própria escola, por outro lado, “dominavam” a teoria , condição também legitimada pela própria coordenadora que a nós recorria quando precisava reformular o planejamento , empreender algum estudo com o grupo ou redigir algum documento . Esta cisão tornava as relações entre as professoras altamente competitivas , cada uma na sua “especialidade” (teoria ou prática) tentava impor sua hegemonia no grupo .

Aprendi logo que compartilhar minhas dúvidas não seria uma boa estratégia, mesmo porque as professoras antigas se sentiam ameaçadas com a presença de professoras novas e tudo faziam para provar ao grupo e à coordenadora nossa incompetência de iniciantes.

Então, estudava, lia e sobretudo, observava. Na solidão do noviciado, mais que tentar aprender a ser professora precisava compreender como lidar com as tramas da instituição escolar.

Depois de horas planejando, pesquisando, o resultado não me satisfazia. Estava presa às determinações do plano anual e às muitas atividades já prontas e, pior, não sabia fazer diferente.

A escola não adotava livro didático, mas fazíamos duas atividades em folha por dia com as crianças.

As atividades em folha, como chamávamos, eram exercícios que tirávamos de livros didáticos e aplicávamos às crianças como forma de garantir a fixação dos conteúdos trabalhados. Essa forma de registro era tão consolidada e considerada legítima que não ousava questioná-la. Dentre as atividades que realizávamos a grande ênfase era em exercícios de escrita e conceitos matemáticos.

Não havia uma proposta metodológica para a alfabetização, o ensino de matemática e outras áreas do conhecimento. Também ali dominava a bricolagem. Trabalhávamos com temas geradores. Acreditava-se que o conhecimento deveria ser trabalhado a partir de temas, assuntos que julgássemos do interesse ou necessidade da criança. Os temas dividiam-se em cíclicos (festas, eventos periódica ou recorrentemente celebrados) e temas gerados pelas crianças e famílias. Posso afirmar que 90% dos temas eram cíclicos ou definidos a partir das datas comemorativas tão enfatizadas nas propostas de educação infantil.

A partir dos temas geradores que, posteriormente, passamos a chamar de “conceitos”, elaborávamos as “conversas” (momento expositivo da aula) onde introduzíamos o assunto a ser trabalhado. Muitas vezes iniciávamos a conversa através de um livro de literatura que sugerisse o assunto para que pudéssemos despertar nas crianças interesse por ele. Tão logo este objetivo era alcançado, abandonávamos o livro.

Alguns dos temas trabalhados : Páscoa , índio , trabalho , Nª Senhora, São Francisco e Bíblia (por se tratar de uma escola confessional), campo , cidade , Natal, Semana da Criança , Independência , Folclore , dentre outros ...

Nos primeiros anos que lecionei não me preocupei com os temas , não me sentia instigada por eles , mas minha preocupação centrava-se em como trabalhá-los com as crianças , o que abordar sobre cada um deles (o que também era previamente determinado por série , já que todas as séries trabalhavam os mesmos temas). Determinávamos quase tudo; o que discutir , sob que ponto de vista , que conceitos abordar ... Seguíamos orientações estritas da coordenação:

“ [...] é preciso : - prever , definir quais conhecimentos possivelmente estarão em jogo

- como as crianças poderão reconstruí-los nas diferentes atividades “¹⁵.

Considerando o referencial teórico da Pedagogia Histórico-crítica partíamos do princípio de que o ensino é sempre uma ação intencional , quando o professor se dirige à classe ele tem a intenção de ensinar algo . Entendíamos este “algo” como “o saber social e historicamente produzido pela humanidade “ que em nosso fazer traduzia-se nos conteúdos que precisávamos garantir que as crianças soubessem para compreenderem o mundo em que viviam . Daí confundíamos intencionalidade com determinismo , e assumíamos uma postura bastante autoritária diante do processo de produção do conhecimento , por que não o entendíamos como processo de elaboração coletiva mas, como processo de transmissão de determinados conteúdos. Isto não só ocorria na relação de ensino com os alunos , como também na produção de conhecimento sobre nossa própria prática .

Apesar de estudarmos com certa regularidade os conceitos da Pedagogia Histórico-crítica não conseguíamos trabalhar de acordo com o que ela propõe , pois , ainda não havíamos superado uma concepção que entende o conhecimento enquanto produto e não como processo contínuo de elaboração conceitual .

Sentia-me frustrada . Aqui , os estudos também não contribuíam para mudanças efetivas na prática porque não existia o processo constante de discutirmos sobre ela a partir das teorias que estudávamos . Esperava-se que logo após um curso, um encontro para estudos, saíssemos *aplicando* as teorias estudadas .

Meu trabalho não sofreu grandes avanços durante essa época . Ia experimentando uma coisa aqui outra ali , na maioria das vezes tentando significar o que lia e estudava , ou melhor dizendo , tentando fazer acontecer aquilo em que acreditava , tentando materializar meus ideais .

Enquanto perseguia um ideal , um modelo de educação , um estereótipo de professor, fechava os olhos e não percebia o que já fazia de interessante . Não percebia que os ideais , os princípios serviam para orientar nossas ações que vão se constituindo e nos constituindo paulatinamente, na dinâmica interativa das instituições em que estamos inseridos .

Enquanto não aprendia a olhar para instituição e compreendê-la em sua dinâmica , sentia que andava sem sair do lugar . Sentia que ia, pouco a pouco, sendo nela enquadrada , braços e pernas começavam a se imobilizar , para nela sobreviver era preciso fundir-se a ela . Meu trabalho se institucionalizava na proporção inversa em que minha insatisfação crescia . Precisava aprender a viver dentro da instituição escolar muito mais que nela sobreviver.

As crianças estavam desanimadas .

__ “De novo esta história , professora “

__ “Ai , professora não aguento mais ouvir isto , eu já sei tudo , estudei isso no jardim ...hoje tem parque ? Vamos para Casa de Bonecas ? “

E as conversas paralelas se propagavam . Iam, como numa onda, crescendo , se avolumando , avançando em direção à praia onde, enfim, se esparramariam na areia branca e fofa . Tinham necessidade de falar, de se esparramarem . Falavam dos desenhos animados , das figurinhas , dos times de futebol , do irmão recém-nascido , da mãe que não era mãe de verdade , do cabelo enrolado que ela queria que fosse liso, o apelo pela amizade , o choro por que o amigo não o convidou para a festa de aniversário , falavam de suas vidas, das pequenas descobertas do dia-a-dia , dos desejos , das frustrações .

Não , não queriam saber se o índio tinha pele vermelha ou branca , se Kamayurá era de cultura diferente dos Xavante , se Páscoa não era só dia de ganhar ovo de chocolate (ai que delícia , mas isso não podia falar porque senão incentivaria

¹⁵ Orientações Metodológicas para o Curso Infantil do colégio onde trabalhava, elaborado pela Coordenadora do curso.

o consumimos !) mas era Ressurreição de Cristo, se na Zona Urbana tinha indústrias , ruas e avenidas e na Zona Rural fazendas , sítios e ruas de terra, se a escrita fora inventada pelos gregos ou romanos , se a letra manuscrita é grudada uma na outra ... não queriam saber disso tudo , assim , só por saber como se fosse um conhecimento tirado para servir para nada. Queriam saber das coisas que viam , que ouviam , que viviam , e que eram também todas as coisas de que falávamos , mas do jeito que falávamos não tinha vida , não se parecia com aquilo que viviam .

A hora da linha (momento para introduzir e discutir os assuntos a serem estudados) era quase uma imposição ; pernas cruzadas e postura ereta para escutar o que a professora ia falar. Tentar adivinhar o assunto pela história que seria contada era mais divertido que escutar a história . As conversas e brigas se propagavam , o momento da linha não fazia o menor sentido . Acabava sempre às pressas antes que se perdesse o controle e começava quase sempre com um sermão em prol do silêncio.

As professoras mais experientes inventavam mil e um malabarismos , valia até inventar histórias pessoais para chamar a atenção para o conteúdo a ser abordado ou ameaçar as crianças exigindo respeito . Vangloriavam-se com o silêncio da turma .

Será que eles eram mesmo imaturos , infantis ou eram nossas tardes enfadonhas , valendo apenas pelos momentos de brincadeira no parque e casa de bonecas ? Não estavam preparados para aprender ou a forma como o conhecimento lhes era oferecido não os satisfazia em suas dúvidas e necessidades? Eles não queriam aprender ou nós é que não sabíamos ensinar ? Não estavam motivados a aprender ou nós é que sufocávamos seus desejos com nossa rotina rígida , nossa disciplina autoritária, nossa imensa responsabilidade de ensinar/transmitir os conteúdos “social e historicamente elaborados “ ? Será que entendíamos o que era isso ?

Depois da última vez que estive na escola para o estágio, um vínculo foi se formando entre a professora e eu. Falar-lhe de minhas dúvidas e minhas dificuldades na profissão que abraçamos deixou-a mais a vontade na minha presença . Podia ler em seus olhos “ela sabe o que estou sentindo também já passou por isso . “

Também não a via mais como uma estranha , alguém que me observava , suspeitava das minhas atitudes e me temia . Sentia-me mais a vontade em sua companhia .

Conversávamos mais frequentemente , ela me contava sobre suas tentativas de empreender um trabalho diferente e pedia que eu a ajudasse a olhar para aquilo que tinha feito , como que querendo saber se havia feito “certo” ou “errado”. Certo ou errado em relação ao que vinha sendo cobrada por sua coordenadora (orientadora pedagógica) .

Quase em tom de confidência e meio receosa, a professora contou-me que ainda não iniciara um trabalho com produção textual com aquela turma . A coordenadora exigia-lhe o que ela não sabia fazer . Estava acostumada a ensinar as letras , as sílabas , a formar palavras e só depois a formar frases e juntar frases para formar um texto . Trabalhava textos retirados de livros didáticos .

“ _ Minha coordenadora acha que as crianças só aprendem a escrever escrevendo. Ela pensa que desde o início do ano já devíamos estar trabalhando produção textual com as crianças. Deixá-las escrever como sabem , ir corrigindo aos poucos, conforme as necessidades das crianças . Mas não sei trabalhar assim, ainda tenho muitas dúvidas sobre como respeitar as crianças que estão em diferentes fases do processo de alfabetização . Os que já são alfabéticos vão se sair bem , mas e os que são silábicos ? E os pré-silábicos ? Como vou orientar as crianças ? Individualmente é impossível , tenho quase quarenta crianças na sala e, depois, se eu não corrigir, como vão aprender o certo ? “

A professora estava muito angustiada e confusa sobre a nova proposta de alfabetização que estava elaborando, queria trabalhar de forma diferente, não se satisfazia mais com sua antiga forma de trabalho mas não tinha tempo para elaborar as mudanças que ousava realizar ,pequenas coisas do dia-a-dia, tamanha a cobrança que vinha sofrendo de sua coordenadora , que por sua vez , angustiada com o fato de suas professoras não corresponderem ao trabalho que ela pretendia desenvolver na escola , exigia mudanças imediatas .

A coordenadora apontava para a necessidade de se trabalhar vários tipos de textos e deixar que as crianças escrevessem sobre si mesmas . Acreditava que escrevendo espontaneamente (sem a imposição/sugestão de um tema) as crianças produziram com mais desenvoltura . O que realmente preocupava a coordenadora era o fato de as crianças imprimirem em seus textos expressões e marcas das histórias literárias ouvidas ou lidas. Para ela as crianças não estavam produzindo textos

autênticos mas apenas reproduzindo aspectos característicos dos temas da literatura infantil.

Não concordava com a posição da coordenadora , e podia ver o quão confusa estava também , por certo vinha sofrendo com pressões , talvez não tão explícitas como as que fazia a suas professoras , mas de efeito tão petrificante quanto o vivido por elas . A opacidade das relações impedia o crescimento de ambas e ia constituindo um trabalho gestado na dúvida e na insatisfação . À medida que as relações tornavam-se difíceis pelas frustrações não desveladas e trabalhadas , e a comunicação limitava-se à troca de palavras infundadas na ação e no desejo , o que deveria ser fonte de crescimento , o desejo de mudança , que em ambas se fazia latente , tornava-se tristemente , um penoso engessamento .

Como as crianças escreveriam sem, num primeiro momento, terem um modelo que as orientasse ? - perguntava-me diante as palavras da coordenadora . As professoras deveriam trabalhar a diversidade de textos mas não poderiam permitir que as crianças os imitassem ? Começava a entender a angústia da professora. Seu trabalho fragmentado e estanque não comportava mais as exigências de uma nova proposta de educação que se estava elaborando naquela escola , ao mesmo tempo não compreendia como deveria trabalhar com as crianças para que elas não reproduzissem as marcas da literatura infantil .

“Tenho trabalhado com sequência de figuras . As crianças pintam os desenhos que eu dou e inventam uma história . Eu enfatizo que a história tem que ter um começo, meio e fim .Mas isso ainda não é o suficiente , pois , eles descrevem o que estão vendo nas figuras e não escrevem uma história. Chegam à segunda série escrevendo de forma muito fragmentada.”¹⁶

Ambas pediam-me ajuda . Como trabalhar produção de textos ? Como orientar minhas professoras a realizarem um trabalho mais criativo que esteja centrado na produção do aluno ? Como motivá-las às mudanças ?

Eram perguntas difíceis para eu responder , vivia quase as mesmas angústias que elas e também não tinha as respostas .

Queria ajudá-las , mas eu também não compreendia ao certo o que se passava, vivia a mesma condição como professora na escola em que trabalhava, sentia as

¹⁶ Diário de Campo registrado em 12/06/97.

mesmas dores e a mesma sensação de impotência . Como vencer o efeito petrificante das relações ? Como conquistar esse “espaço” invisível onde possamos nos movimentar , criar¹, deixarmo-nos, enfim , ser ?

De repente me via numa situação delicada . Era eu uma tábua de salvação naquele ambiente saturado de desolação e de impotência , alguém vinda de longe, de onde o conhecimento se faz “verdadeiro” e “certo” , com o poder incontestável de tornar “legítimas” e “corretas” as ações . Era assim que me pensavam e me vestiam , mesmo as calças não me servindo ao corpo . O que fazer ? Juntar-me a elas e derramar com elas as lágrimas da desolação ? Que sentido teria feito minha presença naquele lugar? E para mim , o que teria ficado daquela história ? Não deveria ser apenas um corpo estranho que as ondas do mar abandonaram na beira da praia .

Temerosa , resolvi romper as amarras que me imobilizavam , deixar de ser corpo inerte sobre a areia da praia à espera que os urubus e carcarás desfizessem-me, enfim.

Sentia que algo se rompia dentro de mim .

Por uns instantes lembrei-me daquela história ouvida durante uma aula na faculdade . Uma aula, por certo, bem diferente , pois, as histórias não costumam ter lugar nas aulas “normais “ . Acho que é por que são meio desordeiras , colocam bagunça em nossas idéias , e escola não é lugar de bagunça. Devemos olhar e pensar tudo certo , claro e nítido como um dia ensolarado .

Meio sonolenta e anestesiada pelos acontecimentos do dia , aquela história entrara em meus ouvidos e por algum tempo teria ficado ali , esperando o dia em que eu pretendesse acordá-la .

Engraçado como as histórias têm um jeito diferente de nos cativar . No começo são só palavras que, melodicamente, nos envolvem. Entram por nossos olhos e ouvidos sem a menor pretensão de serem vistas ou ouvidas , elas se dão aos nossos olhos e ouvidos como quem não quer nada e se nós não nos importarmos com elas , ficam ali quietas , até o dia em que, sem mais nem menos, nos damos conta de sua presença e de que ali onde ela ficou esperando emprenharam-se muitas idéias .

Acho que a professora sabia disso , por isso, sempre nos contava histórias. Era seu jeito de nos fazer enxergar mais adiante do que aquilo que tínhamos visto. De nos fazer enxergar torto aquilo que se dava por certo.

Era uma história sem pé nem cabeça.

Era um pequeno povoado isolado completamente do mundo , não fosse o mar que, de tempos em tempos, lhe trazia sinal de vida de outros lugares .

O mar era a vida do pequeno povoado . Dele vinha a comida e a esperança por dias melhores . Mas o pequeno povoado não sabia o que eram dias melhores , tão acostumado estava à rotina do mar . Os homens , pela manhã lançavam-se ao mar para procurar os peixes bons para matar a fome e o marasmo . As mulheres ficavam à espera , cosendo as redes que os maridos levariam para a pesca e emprenhando os filhos que um dia , como os maridos, ofereceriam ao mar .

A vida se fazia no ir e vir das ondas , no movimento das marés .

Um acontecimento, porém, viera abalar a calma, viera semear sonhos no coração dos homens . Boiando nas águas enigmáticas do mar , trazido pelas ondas de terras distantes , desconhecidas um corpo se atracara na areia da praia.

As crianças foram quem o encontraram. Sem cerimônias , como é típico do espírito infantil , brincaram com ele por toda a tarde , até que um adulto viera para descobrir-lhes a novidade .

O afogado foi levado nos braços dos homens até a casa mais próxima . Sem muitos esforços perceberam que se tratava de um estrangeiro . O corpo extrapolava as dimensões mirradas dos homens da aldeia e encheu de ternura os olhos da mulheres.

Os homens acharam por bem visitar povoados vizinhos à procura dos que dessem por falta daquele homem . Enquanto isso ficariam as mulheres preparando o corpo do afogado para as honras de um enterro digno .

E assim passaram a noite . E quanto mais lhe mexiam no corpo , e quanto mais tentavam ler em suas feições as histórias que tinha vivido , quanto mais se ocupavam de sua mórbida inércia , tanto mais se estranhavam em seus corpos , em suas vidas , em suas histórias .

Foram as mulheres as primeiras a sentir . Dentro delas brotavam as primeiras sensações , acostumadas que estavam a ficar ali esperando e gerando , esperando e gerando , gerando os dias que não viriam , os homens que não teriam, as flores que não brotariam nos dias que não seriam mais que simples dias , idos e vindos qual as ondas do mar , áridos , toscossem sonhos .

Perdidas entre as fantasias que lhes brotavam na alma , afeiçoaram-se ao estranho , que morava em seus sonhos mais íntimos . Tão íntimo lhes foi ficando e assim também os sonhos que dele lhes foram brotando que, à presença dele, estranhas eram suas vidas , seus maridos

Não tardou para que seus homens com a notícia chegassem : aquele morto a ninguém mais pertencia . Com júbilo e contentamento receberam as mulheres a boa nova . De início , os maridos sentiram-se receosos pensando que suas mulheres parariam de sonhar com eles para sonhar com o afogado , porém, depois observando o corpo do morto , enterneceram-se por ele , por que havia tanta verdade em seu jeito de ser , de estar ali morto , descuidado , enjeitado , molestando a tranquilidade do povoado, que também os homens se ocuparam dele .

E para ele fizeram os mais belos funerais , trouxeram-lhe flores e arrumaram-lhe amuletos , havia tanta gente que mal se podia caminhar . E enquanto carregavam o morto para as escarpas de onde faria sua última viagem de volta ao mar , de volta ao esquecimento , homens e mulheres perceberam pela primeira vez , o vazio de seus pátios , a desolação de suas ruas , a estreiteza de seus sonhos . Jogaram-no ao mar sem âncora para que voltasse um dia se quisesse . Souberam então, que tudo seria diferente desde aquele dia . Estevão , que era como chamaram o morto , viera para tirar as coisas de lugar , para lembrá-los de seu sonhos , para os fazerem ver em seus olhos mortos a vida que pulsava dormente naquele povoado .

Quando o corpo do afogado estalou nas águas do mar pela última vez já não era mais o afogado mais bonito que já tinham visto , era Estevão , filho daquele povoado , parte de sua história , motivo de seus sonhos . O povoado também não seria mais o mesmo , seria agora o povoado de Estevão, onde as casas teriam as portas mais largas , os tetos mais altos e os pisos mais firmes para a lembrança de Estevão caminhar livre por entre elas , quebrariam as pedras e abririam mananciais e

semeariam flores nas escarpas para que ali ficasse para sempre eternizada a lembrança de Estevão , o afogado mais bonito do mundo .

Pretendera estar ali para observar e ajudar se fosse preciso . Seria corpo estranho naquele grupo, espreitando o movimento das crianças , dos professores, dos funcionários . Estaria ali guardando prudente distância . Afinal, tinha sido assim das últimas vezes e eu não sabia pensar minha presença ali, como estagiária , de outra forma .

Quando cheguei fui a novidade mais comentada do dia . Alguns olhavam-me com alegria outros , porém , fitavam-me com desconfiança . Que medos e expectativas despertara minha presença naquela escola ? Só podia pensar nos medos e expectativas que ela despertara em mim .

E foi por algum tempo que estivemos a nos olhar , tentando adivinhar que histórias já havíamos vivido . Sem perceber , quase sem querer , fui entrando na história daquela professora , daqueles alunos , daquela escola . De início, apenas um corpo estranho na areia da praia . Depois , foram conhecendo minhas dimensões , as feições e para mim cosendo vestimentas que nem sempre me serviam , por que às vezes o olhar da gente engana , vê perto o que está longe , longe o que está perto, grande o que é pequeno e pequeno o que é grande .

Imaginaram-me a procedência , viera de terras longínquas onde o certo é mais certo do que aqui, onde não há conflito , tudo é claro como um dia ensolarado , as palavras são tão transparentes quanto paredes de vidro . Pensavam-me tão grande que não cabia em sua imaginação. Em suas histórias foram me enredando e me recriando .

Em mim projetaram seus sonhos , expectativas e angústias . Já não era mais corpo estranho , agora fazia parte daquela história e, assim, fizeram-me tão responsável por ela quanto qualquer um que dela já participava.

E por que me incorporaram ao enredo de sua história e por que eles começaram a fazer parte da minha história percebemos , eu e eles, a estreiteza de nossos horizontes .

Não sei se puderam ler em meus olhos , mas em mim mananciais brotavam das pedras e flores estavam sendo semeadas .

A sala estava vazia. Pelo vitrô uma suave brisa e um fio de luz remanescente anunciavam o fim da tarde. As carteiras desarrumadas, único indício que por ali estiveram a derramar na tarde suas estripulias. No chão, já esquecidos, repousavam os vestígios do dia.

Parada próxima ao armário que lentamente costumava arrumar, tentando pôr ordem nos meus pensamentos, fitava as paredes da sala. Detestava o vazio que as impregnava. Num canto apenas, folhas arrumadas umas ao lado das outras, nelas impressas o esforço em tentar compreender como funcionava aquele instrumento que tantos anos levava para ser elaborado e que em meses tinham de aprender. Eram exercícios de escrita.

De uma caixinha de fósforo tiraram letras miúdas quase impossíveis de serem manuseadas pelas pequenas mãos ainda desajeitadas. Era importante que tivessem acesso às várias formas de escrever o alfabeto. E, assim, poderiam também literalmente perderem-se de várias formas no alfabeto. Teriam de formar palavras, sem nenhum contexto que as inspirasse, usando letra de fôrma minúscula e maiúscula (quando necessária) para depois transcrevê-las em letra manuscrita. A folha padronizada delimitava o espaço impondo regularidade no tamanho da letra que as mãos, sofregamente, tentavam desenhar.

No esforço de alfabetizar pedíamos em outras atividades que completassem palavras semi-escritas com as letras que estavam faltando. O critério para escolha das palavras quase sempre recaía sobre as sílabas que já haviam sido “apresentadas” às crianças. Outra atividade bastante realizada era a que chamávamos de comutação (palavra muito apreciada pela coordenadora). Esta atividade consistia em pedir às crianças que trocassem algumas letras de palavras escritas por nós para formarem novas palavras. Trabalhávamos basicamente com o exercício de formação de palavras; a partir da comutação, rimas, letra inicial e final, nelas o objetivo era sempre o mesmo: fixar as sílabas e letras já trabalhadas através da análise e síntese de palavras (procedimento orientado pela coordenação), quase sempre pedíamos nestes exercícios para as crianças transcreverem as palavras em letra manuscrita, que era também um forte objetivo da série.

E os textos? Pensava.

Trabalhávamos muito pouco com textos . Eram lidas apenas algumas histórias que , como já contei , serviam para “tirar” a palavra-chave e introduzir o tema gerador , algumas poesias retiradas de livros didáticos , textos informativos (história da escrita , história do número , história do carnaval ... e outras histórias “ histórica e socialmente elaboradas “), por que as crianças precisavam “se reconhecer como seres históricos” e perceber o conhecimento como um processo “social e historicamente elaborado “ . E explorávamos os textos em dois momentos : interpretação (ênfase num único sentido verdadeiro para o texto), muitas vezes realizada por escrito ou através de desenhos e análise das palavras do texto . Queríamos com isso priorizar o formalismo linguístico e ensinar os mecanismos e estrutura da língua escrita e falada. Esta era a prática que predominava em nossas ações muitas das quais orientadas pela coordenação da escola e produziam aquelas folhas grudadas à parede .

Eu não podia deixar de sentir um incômodo quando lia, nos estudos sobre a Proposta de Ensino de Português da coordenação/direção da escola :

*“A linguagem é concebida , nesta proposta como uma forma de interação e não apenas como uma atividade escolar . É uma atividade humana , histórica e social , onde o conhecimento se constrói . (...) Ela é constitutiva do pensamento e da ação . Lugar da constituição da consciência humana “.*¹⁷

Mais adiante lia :

*“ O objetivo da escola na área da linguagem é levar o aluno a desenvolver uma concepção adequada de escrita e de texto , e do texto levá-lo ao domínio dos recursos expressivos que lhe permitirão construir um texto segundo suas intenções e opções , interpretar inclusive os textos do acervo cultural e histórico de sua língua . “ (...) Nesse sentido o trabalho desenvolvido deverá se tratar do texto enquanto lugar privilegiado onde ocorre o processo de construção de significação . O texto aqui entendido como uma unidade de sentido em relação à situação em que foi produzido . Portanto , a atividade linguística se faz nos processos reais de comunicação como discurso ou texto e não as palavras ou frases isoladas que são analisadas para exercícios escolares. ”*¹⁸

¹⁷ Proposta de Ensino de Português do colégio onde trabalhava escrita pela equipe de coordenação/direção , 1997, p. 1.

¹⁸ Idem, p. 2.

Na prática, como se costuma falar , trabalhávamos análise silábica e alfabética . Ensinávamos primeiro as letras e depois as marcações silábicas de uma determinada palavra , extraída da história literária que dera início ao tema gerador que estava sendo estudado. Todas as classes deveriam estudar ao mesmo tempo as mesmas sílabas . Mas a palavra-chave não deveria ser imposta , deveria ser motivadora do processo de análise . As crianças deveriam desejar conhecê-la. E, contávamos para isso, a história e enfatizávamos bem a palavra , que obviamente já tinha sido determinada por nós . Enfatizava tanto a palavra , dizendo-a às vezes com tom de voz diferente que não era raro, ao final da história, que algum espertinho , antes que eu iniciasse minha performance para tentar seduzi-los à palavra , começasse a gritar ironicamente ;

_ Há , há , há , já descobri que palavra vamos estudar hoje .

Bom , ia-se o “ despertar os alunos para o desejo em aprender a palavra-chave”. Eu até que preferia assim, pior seria se eles não descobrissem . Eu poupava minha performance para “tirar” a palavra-chave (que tinha constantemente de mudar para não tornar-se óbvio demais) e não me sentia tão vexada com os malabarismos que tinha de fazer . Secretamente , pensamos que é bom poder contar com os “espertinhos “.

Era preciso ler o nome das crianças nas atividades para saber quem as havia feito . Eram todas iguais , que importava se fosse fulano ou beltrano , nunca poderíamos enxergá-los naquilo que faziam . O erro e o torto da letra das crianças, que denunciavam seu esforço e também suas tentativas em aprender, me fora severamente criticado nos bilhetes escritos em letras quase ilegíveis , deixados, muitas vezes, sobre meu armário .

Eles não estavam ali . Não podiam ser reconhecidos no que produziam . Exercícios realizados mecanicamente . Escreviam palavras memorizadas e assim iam apreendendo pouco a pouco os mecanismos da escrita. Aprendiam a escrever mas não escreviam, codificavam e decodificavam . Faltava algo .

Parada próxima ao armário embalada pelo silêncio da sala refletia minutos antes de ir para aula de Metodologia da Alfabetização . Pensava em muitas coisas , pensava nas condições de letramento e nas concepções de alfabetização estudados na faculdade , no muito que eu mesma já havia escrito /estudado sobre alfabetização e

pensava, pensava nos trabalhos afixados à parede , nas crianças perdidas entre as letras do alfabeto , pensava na letra torta que o menino havia feito , cansado que estava em tentar se achar em meio àquela confusão toda de letras e formas de se grafar o alfabeto, pensava que seu descuido poderia condená-lo novamente à acusação de imaturidade , pensava na Proposta de Ensino de Português , pensava na professora da escola onde estagiava , lembrava dos seus olhos e via a desolação das paredes, a aridez das tarefas que propúnhamos às crianças e a estreiteza de nossas crenças e ações.

“ A superação dessa condição educacional e das concepções de alfabetização predominantes no ensino passa pela superação da forma de organização capitalista , bem como , da ideologia burguesa . E é justamente isso a que se propõe uma terceira concepção de alfabetização, dita revolucionária/ transformadora . Esta concepção resgata o papel do homem na construção das relações históricas e culturais que o constituem , entende a linguagem como constitutiva do processo de desenvolvimento humano e a escrita como uma forma de linguagem construída histórica e socialmente num determinado contexto cultural . Daí a escrita guardar em si as marcas das interações que a produziu sendo, por isso, reveladora dos discursos conflitivos, das relações de poder , dos valores sócio-culturais , sendo assim poderoso instrumento de conscientização política .

Nesta perspectiva , alfabetizar é resgatar os sentidos que a linguagem assume nos diferentes contextos sócio-culturais , é desvelar no discurso intrapessoal as marcas do discurso interpessoal , é , sobretudo, ensinar a ler no mundo as marcas das interações sociais , compreender a alfabetização como processo que se inicia antes da escolarização e da aquisição do código escrito e que também não se finda com ela , a escrita como instrumento de análise , interpretação , contestação e organização da ação e do pensamento do sujeito que escreve numa sociedade que enfim primará pela democracia e justiça social”.¹⁹

Como fazer com que minha própria escrita fosse realmente instrumento de análise , interpretação , contestação e organização das minhas ações e

¹⁹ FREITAS , Lisandra C. Gonçalves de , “ O Conceito de Alfabetização : de uma visão mecânica a uma concepção transformadora “, texto produzido para disciplina de Metodologia da Alfabetização, Faculdade de Educação /UNICAMP , 1997.

pensamentos? Como ler através de minhas próprias palavras ? Como fazer com que tudo isso tivesse sentido nas muitas histórias que em mim se enredavam ?

Parada próxima ao armário eu pensava ...

Naquele dia cheguei um pouco ansiosa à escola . Levava comigo algumas idéias . Pediria à professora a oportunidade de co-participar em seu trabalho sugerindo-lhe o desenvolvimento de um projeto sobre produção textual .

_ Da minha parte sinto-se à vontade será uma ótima oportunidade para aprender com você . A turma é toda sua . Mas diga-me , o que pensou em fazer ?

_ Estive pensando em todas as coisas que você me disse da última vez em que conversamos; sobre suas tentativas de estimular as crianças a que escrevessem sobre si mesmas , a produzirem textos menos fragmentados e com mais desenvoltura, e imaginei que talvez pudéssemos tentar desenvolver um projeto sobre produção textual tentando não repetir as estratégias que já utilizamos e que não mais satisfazem nossas expectativas em relação à produção das crianças.

Tinha sido um longo caminho até chegar ali . Ouvi atentamente as dúvidas da professora , da orientadora e as minhas próprias dúvidas . Depois fiquei alguns dias

semeando idéias, mas elas custavam a germinar . Pretendia realizar um trabalho diferente do que eu fazia na escola onde trabalhava , ele já não me satisfazia eram como calças que não me serviam mais e tinha o secreto desejo de transformar o estágio em celeiro de novas idéias . Como não encontrava em mim mesma eco para minhas dúvidas recorri à professora que supervisionava o estágio para pedir ajuda . Começava a entender que as dúvidas e idéias só faziam sentido quando compartilhadas , ouvidas ou refuladas pelo outro. Começava a me perceber múltipla .

Ela ouvia-me atentamente , em alguns momentos questionava-me mas jamais me punha em cheque . Muitas vezes seu silêncio chegava a me incomodar, sabia que pensava muitas coisas mas não saber o quê não me dava muitas pistas sobre o que eu imaginava que ela esperava de mim. Aqui a aluna (diga-se de passagem bem sucedida) marcada por uma vivência escolar dogmática tentava corresponder ao que julgava que a professora (imaginada ainda através do filtro desta vivência escolar) tentava lhe ensinar .

Depois de escutar minhas dúvidas no relato sobre as angústias da professora do estágio , em voz entusiasmada propôs-me várias idéias. Não tinha a intenção de me explicar nada , como fazer , por que fazer assim e não assado ... Apenas *sugeriu* que eu desenvolvesse um projeto tentando organizar as idéias como achasse melhor.

Algumas idéias abarcavam as necessidades da professora (trabalhar produção textual) e outras tentavam responder às ansiedades da orientadora (que as crianças escrevessem sobre suas histórias de vida) , porém preservavam um aspecto fundamental ; a literatura infantil como elemento disparador , referência e motivação para a produção textual das crianças .

E foi por estes caminhos que encontrei a Bruxa Onilda . Tão simpática e divertida a bruxinha contava suas memórias . Veio me contar sua história de vida. Pensei que como eu as crianças logo se apaixonariam por ela e da leitura do livro sobre suas memórias poderia surgir um belo trabalho de produção textual .

Das idéias que saltavam à nossa discussão , ficaram-me algumas : discussão dos momentos marcantes da história da bruxinha , relacionando-os com a vida das crianças , motivá-los a trazer para escola fotos , relatos dos pais sobre quando eram bebês , carteirinha da maternidade , registros sobre o peso e a altura com que nasceram , comparar essas medidas com as que tem hoje com a ajuda de um barbante, utilizar referencias de peso como um saco de arroz de 5 quilos ou um saco de feijão de um quilo para que percebessem seu peso ao nascerem, registrar essas informações numa tabela de peso e medidas , fazer um levantamento de quem havia nascido em Campinas e quem era de outras cidades , estados , utilizar mapas para visualizarmos estes locais . No decorrer destas atividades e de outras que minha professora disse que podiam surgir as crianças poderiam ir registrando em textos o que estavam descobrindo sobre suas histórias. Os registros poderiam ser arquivados compondo aos poucos um livro da vida . Um livro de memórias .

Lembro-me que minha professora referia-se a tudo isto como projeto .

Enfim , eram muitas idéias , sai da supervisão de estágio entusiasmada .

Decidi , então , como de costume, escrever para organizar e clarear as idéias . Enquanto escrevia pensava sobre muitas coisas, algumas já vividas como professora e outras que, a partir das impressões que me ficara daquela manhã de supervisão de estágio , eu tentava significar . O tempo que teria para realizar as atividades , o que

minha professora entendia/chamava de projeto , como organizaria as idéias propostas, como as efetivaria ...

Eis os resultados de minhas reflexões .

Chamei-o assim ;

“ Projeto : ‘As Memórias da Bruxa Onilda ‘

Objetivos :

- *trabalhar produção de textos com diferentes formas de começar*
- *articular a leitura ao cotidiano das crianças*
- *tentativa de articulação com outras áreas do conhecimento*

1º Momento:

- *Realizar a leitura do livro com a classe e provocar uma discussão relacionando os momentos da vida da Bruxa Onilda com os momentos da vida de cada criança , levando-as a refletir sobre sua própria história .*
- *Enfatizar alguns aspectos :*
 - *momentos antes do nascimento / expectativas dos pais*
 - *árvore genealógica*
 - *preparativos para o nascimento*
 - *as pessoas que ficaram junto com a mãe à espera do nascimento do bebê .*
 - *onde nasceu como / como foi seu nascimento*
 - *como foram seus primeiros dias de vida ; as visitas , os cuidados da mãe ...*
 - *como era quando bebê ? era comilão , como Bruxa Onilda , era chorão , era ‘ ligadão ’...*
 - *O que vocês gostavam de fazer quando eram bebês ?*
 - *Do que tinham medo?*
 - *Como foi seu primeiro dia na escola?*
 - *O que gostou de estudar ? No que você é bom ?*
 - *Qual foi sua primeira estripulia ?*
 - *Como foi seu primeiro aniversário?*

- *Quais os amigos que você foi fazendo? Quem é seu melhor amigo?*

Obs: Pedir que tragam informações sobre quando eram bebês:

- *fotos / cartão da maternidade/ objetos / onde e como foi o nascimento /preparativo para o nascimento... (relato dos pais/avós /parentes)*

2º Momento :

De posse das informações realizar uma discussão em classe para que cada um conte sua história . Montar com os dados obtidos ; painéis de fotos , exposições de objetos , roupas , documentos ... trazidos pelas crianças .

3º Momento :

Propor às crianças que escrevam suas memórias .

4º Momento:

Propor às crianças a escrita da história/memória da turma.

*Aqui o texto inicial pode ser um texto de autoria minha e da professora.*²⁰

Foi este o projeto que apresentei à professora daquela 1ª série no estágio . Formatei-o às possibilidades que julgava ter e a uma vaga suposição do que minha professora de supervisão de estágio chamava de projeto .

la uma vez por semana ao estágio e acreditava não ser possível desenvolver todas as “atividades” que, num primeiro momento, surgiram como idéias .

A professora gostou do “projeto”, apenas ficou receosa com o fato de privilegiar como atividade disparadora do processo de construção do texto a leitura de um texto literário . Nesse momento fez-se necessário contar a ela que discordava de sua coordenadora em alguns aspectos pois, acreditava que a literatura infantil era indispensável no processo de produção da escrita .

Apesar do entusiasmo ainda sentia-me pouco à vontade com a palavra projeto. Ela entrara recentemente em vocabulário pedagógico. Já a ouvira várias

²⁰ Fragmento do Diário de Campo registrado em 14/08/97.

vezes. Já a havia utilizado em algumas situações , porém sabia que em cada uma delas esta palavra soava diferente .

Na escola onde trabalhava também já a utilizávamos. Desenvolvíamos durante o ano alguns projetos , geralmente com o intuito de abordar alguma data ou comemoração específica . Fazíamos por exemplo o Projeto Mães , Projeto Páscoa , Projeto Independência dentre outros .

Trabalhávamos este projeto num espaço de tempo determinado por nós e pela data comemorativa do tema a que se referia . O projeto consistia numa sequência de atividades previamente definidas pelas professoras com o intuito de abordar os conceitos básicos geralmente trabalhados sobre o tema . Algumas vezes adaptávamos alguma obra literária forjando uma relação entre ela e o tema a ser estudado . Esta história era utilizada como fio condutor das análises que seriam empreendidas .

A abordagem do tema limitava-se à interpretação oral da história, conduzíamos a turma à interpretação que nós, professoras, julgávamos correta . Este trabalho de interpretação era realizado paulatinamente nos dias que havíamos delimitado para a realização do projeto . As experiências de cada aluno com o tema eram coladas à análise realizada . Aqui também exercitava-me na arte da bricolagem.

Após o exercício de interpretação aplicávamos as atividades referentes a cada parte do projeto estudada . As atividades objetivavam conjugar o exercício de determinadas habilidades motoras e o registro dos conceitos estudados (entendido como uma estratégia para facilitar a fixação).

Os projetos eram estratégia metodológica para cumprirmos alguns conteúdos previstos no programa para educação infantil .

Era essa a forma como entendia e trabalhava com projetos .

Fazia muito frio naquela manhã . Cheguei à escola com alguns minutos de atraso . Ao entrar na sala notei uma certa ansiedade por parte das crianças . A professora havia contado que eu estaria na escola naquele dia para “dar aula “ para eles .

Logo que me organizei propus às crianças que fôssemos para o pátio onde eu estaria contando uma história para eles . Acharam estranho !

A sala era muito apertada , os odores da escola , o negrume da lousa e a regularidade da organização do espaço impediam-nos de ver o céu espremido na janela , e tornava opaco o intento daquele momento. Queria que as crianças ficassem mais à vontade .

No pátio sentamos num grande círculo . As crianças se acomodaram . Também eu precisava me acomodar . Naquele dia eu não era mais a Lisandra com quem conversavam desprendidamente , era a partir daquele momento , a professora que daria aula para eles . Vesti-me , então, de professora e comecei a atuar .

Antes de iniciar a leitura expliquei-lhes que a partir da história estaríamos desenvolvendo um trabalho. Queria com isso garantir a atenção e o envolvimento de todos e situá-los naquele momento . A professora falava mais alto e suas táticas de controle utilizadas prevaleciam . As palavras soavam pesadas , tesas...

No círculo começamos a conversar sobre o título da história e a capa do livro. Aprendera numa aula sobre Literatura Infantil, quando ainda fazia magistério , que antes de começar a contar qualquer história era preciso preparar as crianças para ouvi-la , motivá-las . “ É preciso explorar a capa , as ilustrações , o título, criar suspense sobre a história a ser contada “, ensinava didaticamente a professora , e didaticamente tentava contar histórias .

“ Sobre o que será que vai falar esta história ?

_ De bruxa , olha tem uma bruxa na capa !

_ É o que vocês acham que quer dizer ‘memórias’?

_ É uma coisa que está dentro da cabeça e faz a gente lembrar do que já passou .

_ É o que já aconteceu !

_ Eu não sei o que são memórias .

_ Quando dizemos que uma pessoa escreveu suas memórias , quer dizer que ela escreveu fatos que aconteceram em sua vida , ela conta e escreve sua história . É isso que a Bruxa Onilda vai fazer neste livro , ela vai contar sua história . Vamos conhecê-la ? “²¹

²¹ Fragmentos de anotações registradas no Diário de Campo , no dia 19/08/1997.

Comecei a ler a história. As palavras iam pouco a pouco nos embalando. Por um momento senti-me mais leve, diluída naquela história, desprendi-me do meu corpo de professora e deixei que meu entusiasmo se esparramasse. Com o som das palavras ditas, vibravam as crianças a cada página. Apontavam os detalhes das ilustrações, riam das esquisitices de vida de bruxa e estranhavam-se também a cada vez que diziam:

— Olha! Comigo também foi assim. Eu tinha medo de cair quando meu pai tirou as rodinhas da minha bicicleta.

Faziam referências aos conceitos já estudados com a professora.

“— Olha a árvore genealógica da Bruxa Onilda. Nossa só tem mulher!

O que vocês acham que é árvore genealógica?

É aquele negócio que mostra todos os parentes da gente. O avô, bisavô, tataravô e não sei mais o quê.

— Nós fizemos uma com a professora, lembra?”²²

Continuei a leitura e no decorrer dela as crianças iam se identificando com as histórias da bruxinha. Ela falava como eles, tinha os mesmos medos, necessidades parecidas, as mesmas dúvidas, as mesmas cismas, também tinha lá suas manias e seus defeitos, só que com algumas esquisitices. Animavam-se a contar fatos parecidos que também haviam acontecido com eles, que a leitura fazia aflorar em suas memórias.

Os movimentos tornavam-se mais suaves e a imaginação corria solta.

Surpreendiam-se ao perceber que não só a história da bruxinha muito lhes mostrava sobre suas próprias histórias, mas que também a história do amigo ao lado também lhes contava muito. Iam se identificando como um grupo.

Palavras como: meteorologia, tia-avó, ciências ocultas instigavam a curiosidade e desafiavam o entendimento da história. Nenhuma delas passava sem um sonoro:

— O que é isso, Lisandra?!

Olhávamos atentos para cada ilustração, reparando nos detalhes que o desenho nos segredava. Perdemos-nos entre as roupas, os brinquedos, os medos,

²² Idem

as peraltices , os amigos , as grandes conquistas da bruxinha ... e nos encontramos nas lembranças , nas muitas lembranças que compartilhamos .

Terminada a leitura, as crianças desejosas falavam de si mesmas. Contavam casos, falavam sobre seus medos , de quando eram bebês e tudo o mais que lembrassem .

Voltamos , então, para sala . Embriagada pelos odores da escola , imobilizada pelo enquadramento que nos impunha o espaço restrito e as fôrmas habituais que nos dão a vestir , voltei ao meu corpo de professora.

Era preciso agora explorar o texto , motivá-los à escrita de suas histórias , mas, para isso , precisavam de marcas , de registros , que os *preparassem* para a escrita. Propus, então, que levassem para a escola todo tipo de registro , objetos, brinquedos , documentos , informações coletadas com a mãe , pai , avós e outros parentes, sobre quando eram menores .

Neste dia não propus nenhuma atividade escrita, pois julguei que as crianças não estavam “preparadas” para escrever , não dispunham das informações necessárias para compor suas memórias . Talvez não devesse dar tanto ouvidos à professora que eu era .

Foram três dias de intervalo entre um encontro e outro . Três dias em que estive pensando e escrevendo . Pensava no que iria escrever e escrevia para tentar organizar o que estava pensando .

Numa escrita formal ia talhando no papel algumas das minhas muitas inquietações :

“ Dentre as inquietações pertinentes a todo o processo de desenvolvimento deste projeto destaco as que , de uma forma ou de outra , influíram nos resultados e no momento de sua elaboração ;

- *Em relação aos objetivos do trabalho :*
 - *o que eu entendo por texto ?*
 - *quais as peculiaridades , as marcas características do estilo literário que iria trabalhar e como explorá-los ?*
 - *além da leitura do livro disparador da atividade , que outras atividades poderiam estar mediando o encontro das crianças com o texto suscitando a*

caracterização e identificação com as /das personagens e mais, com o motivo que a levou registrar sua própria história? Em outras palavras como eu mediar a relação entre as produções literárias já existentes e a possibilidade deles (os alunos) estarem se constituindo enquanto produtores de texto?

- Qual a relação existente entre a produção oral do texto e a produção escrita, no que se refere à mediação pelo professor das formas de estruturação dos diferentes estilos literários e de suas formas de uso nas diferentes relações sociais mediadas pela escrita?

- Em que momento a produção de textos escrita entra no processo de alfabetização?

• A partir da realização do projeto:

- Como viabilizar a produção individual de textos numa turma de alfabetização, na qual evidentemente, há crianças em diferentes momentos de elaboração do mecanismos de funcionamento e constituição da escrita?

- Em turmas muito grandes fica difícil a mediação individual de formas de elaboração textual. Constatei, com isso, que a melhor maneira de realizar esta atividade em tais condições é diversificar as atividades em sala. Como fazer isso sempre?

*- Como fica a questão da correção dos textos nas condições já descritas?*²³

Às vezes é difícil perceber em que fios nos enredamos, que vestimentas nos cobrem o corpo, em que praia ficamos ancorados.

Dei andamento ao projeto ainda que as dúvidas me incomodassem, ainda que a visão do afogado me fizesse sentir aquele terrível estranhamento.

Não me sentia confortável em minhas ações, queria fazer de um jeito e fazia de outro. Sentia que os caminhos do conhecimento eram tão sinuosos quanto as íngremes escarpas da experiência.

Na sexta-feira, lá estavam as crianças com suas fotos, brinquedos, documentos, relatos de pais e mães...

Conversamos longamente sobre o que cada uma havia trazido, eram muitas informações poderiam ser exploradas de diferentes formas, mas a tal produção

²³Fragmentos de anotações registradas no Diário de Campo, no dia 19/08/1997.

textual me angustiava , já tinha lido também que “a criança só aprende a escrever quando escreve” . Precisava fazê-los escrever . Precisava experimentar como é que se fazia isso. Montamos uma pequena exposição na sala e, logo, propus que começassem a escrever sobre suas memórias , assim como Bruxa Onilda havia feito .

No começo o receio de escrever . Nunca haviam sido colocados numa situação em que deversem simplesmente escrever . E a preocupação com a quantidade de folhas (havia , como de costume , determinado o número de páginas , local para escrever e para ilustrar) . O texto seria um livro já dividido em páginas . Achava que se transformasse a produção das crianças em livro estaria dando uma função real aos seus textos ao invés de reduzi-los a mera atividade escolar. Por isso propus já no início, antes mesmo de eles começarem a escrever, que o fizéssemos em um livro .

Depois a dificuldade em começar o texto seguida da dificuldade de não saber *o que* nem *como* escrever . Começava a perceber que minhas palavras não eram transparentes e nem significavam para as crianças aquilo que eu tentava explicar . Tampouco o contato com a história através da leitura e exploração do texto garantiam a compreensão ou mesmo a percepção de sua estrutura . Estava confusa , a forma como eu entendia aprendizagem e ensino já não davam conta de explicar as dificuldades encontradas por mim e pelas crianças naquela situação de produção .

Então, fui até a lousa , e sugeri alguns modos de começar . Outras crianças que já tinham mais familiaridade com a escrita também ajudaram os colegas . Comecei a listar na lousa junto com as crianças alguns momentos marcantes em seu crescimento que eram comuns a todos e que também apareciam no livro da Bruxa, Onilda e que pudessem orientá-los na estruturação do texto ; dia do nascimento , local, peso , nome do pai , da mãe , como foi o nascimento, quando andou /falou pela primeira vez , primeiras palavras , primeiro aniversário , alguns amigos , animais de estimação , as estripulias , os brinquedos e brincadeiras preferidos , as viagens , os parentes de que mais gostavam , por que ...

As dúvidas e ansiedade foram pouco a pouco se resolvendo a medida que as crianças iam escrevendo . No começo perguntaram mais , depois foram escrevendo . Algumas crianças se prenderam às sugestões da lousa e escreveram como que

respondendo um questionário , prática comum nos exercícios de produção textual que a professora, às vezes , lhes oferecia. Outras se utilizaram da referência apenas para iniciar o texto , depois foram escrevendo aquilo que lhes vinha à memória com a ajuda dos registros , fotos e objetos. Outras crianças ignoraram o que haviam trazido e não se remeteram à lousa , escreveram algumas frases selecionando informações que julgavam básicas e logo abandonaram o texto para desenhar . E outras crianças, ainda, que não conseguiram escrever sozinhas, solicitaram a ajuda da professora e a minha.

No começo também fiquei receosa sem saber como intervir . Depois as próprias dúvidas que iam surgindo e a necessidade de solucioná-las foi me mostrando que o melhor jeito , como também já havia acontecido comigo , era sentar e fazer junto com as crianças . Para isso era importante que eu observasse como estavam pensando , que recursos estavam usando para fazer de um jeito e não de outro .

As crianças, umas mais outras menos , se envolveram na atividade e começaram a perceber, à medida que escreviam, que já conseguiam escrever .

“ Lisandra lê minha história e diz o que você entendeu ?

_ Puxa , Tiago seu medo de palhaço era tão grande assim ?

Eu sei escrever ! Eu sei escrever ! (Emocionado abraçou-me fortemente)” .²⁴

Nossa história ia sendo tecida com sofrimento , angústia , dúvida , cooperação, alegria e emoção.

Pela produção do livro algumas crianças se deram conta de que o que elas escreviam tinha um sentido e produzia uma reação no outro , por isso, precisava ser elaborado de forma a significar para o leitor .

Estavam se sentindo mais seguras para irem à mesa do colega e oferecerem ajuda . De vez em quando recorriam ao livro da Bruxa Onilda e conversavam entre si. No burburinho da sala, as histórias foram se fazendo a muitas mãos .

²⁴ Idem

À medida que me envolvia no projeto, que me envolvia com as dúvidas e dificuldades das crianças, à medida que nossas histórias estavam irremediavelmente enredadas, ia percebendo e reelaborando algumas concepções e idéias incrustadas no meu fazer/pensar constituídos enquanto professora/aluna em determinadas instituições educacionais que, por sua vez, conservavam no seu fazer/pensar, práticas e concepções historicamente constituídas e consolidadas na estrutura educacional brasileira;

“ Achei que o simples fato de trabalhar um livro de literatura e explorá-lo através da análise oral, daria conta do mesmo se tornar um referencial de estrutura narrativa para as crianças .

Não observei que um livro de memórias comporta um estilo de texto que precisa ser discutido e elaborado junto com as crianças, antes que elas realizem um texto individual . Selecionar fatos importantes ou marcantes, situar temporal e espacialmente o leitor, construir parágrafos “coesos” e com sentido, organizar o pensamento pela linguagem escrita, expressar com “clareza” suas idéias tendo em mente um leitor, são exercícios e procedimentos implicados no ato de escrever um texto que precisam ser aprendidos, através da intervenção do professor e dos colegas. (...)

*A inserção da criança na narrativa dar-se-á pelo diálogo com o texto, nele estão as marcas de como foi elaborado, das interações que o constituíram e constituíram seu produtor. “*²⁵

Escrevíamos histórias e costurávamos uma imensa colcha de retalhos, cada um cosia seu pedacinho de tecido. Às vezes, as linhas se emaranhavam, outras, o ponto afrouxava e tínhamos que começar tudo de novo, de outras ainda o nó só se desfazia quando todos se propunham a ajudar.

Ensinava os pontos e eles me mostravam como fazer o desenho. Perdia-me na beleza do desenho e eles me lembravam dos pontos. E assim, fomos nos conhecendo e nos cosendo de tal forma que não sabíamos mais onde começava uma

²⁵ Idem

história e terminava outra , éramos uma imensa colcha com formas diversas , com todas as cores ...

Quando olhava a beleza do que cosíamos e queria entender como as peças se encaixavam ... apenas uma linha , que ia e vinha , passava por mim , passava por eles, uma linha invisível , uma linha sem fim ... ligava-nos , dava-nos forma , era o único motivo ... quisera Damázio aprender a fiar com esta linha ?

O tempo de espera fora doloroso , depois havia percebido. Queriam pegá-lo , queriam lê-lo em voz alta , queriam contá-lo para todos que pudessem ouvi-los . Era mais que uma história , eram muito mais que lembranças , muito mais que palavras escritas . Estava ali , documentado . Agora era de verdade podiam mostrar , foram eles mesmos que escreveram . Ah ! Como era bom ! Sabiam escrever , sabiam que podiam escrever histórias .

Sabiam também que estavam aprendendo e que muitas palavras precisavam de reparo . Sabia que não podia negar-lhes o direito de botar reparo nelas , tampouco tinha o direito de rescrevê-las por eles .

Era bonito ver como se esforçavam para aprender , como cada um aprendia a manusear a linha e criavam modos próprios de fiar. Primeiro precisava aprender como cada um fiava e depois ensinar, do jeito de cada um, como os pontos poderiam ser tecidos .

E nos ocupamos por dois dias nesse árduo trabalho de reparar as coseduras.

Entre as crianças , uma figura que, até agora, estivera no anonimato , entusiasmada , passeava de grupo em grupo , conversava com as crianças e olhava-as como se nunca as tivesse visto .

_ Eu não sabia que a Aymara tinha idéias tão boas . Achava-a tão fraquinha , com aquela letra torta , vagarosa nos exercícios . Olha que beleza de história . Por que ela não mostrava que sabia escrever ? Sabe, às vezes, temos que escutar as crianças para saber como elas aprendem .

Os textos já estavam prontos , capricharam o quanto puderam nos desenhos .

_ E agora Lisandra , deixa a gente levar para casa ?

_ Mas ainda falta a capa , gente .

_ Não vejo a hora de contar minhas memórias para minha avó ! Ela pensa que só ela tem memória para contar !

Entre papéis coloridos , canetas hidrocor e lápis de cor , cada um foi se desenhando . Sentados em grupo , trocavam idéias , ensinavam o outro , brigavam e logo se resolviam ... iam aprendendo com o outro , pelo outro , para o outro como serem eles mesmos .

_ O que mais falta nesta capa pessoal ?

_ O nome do livro.

_ E o que mais ?

_ O autor , falta o autor .

_ Quem é o autor , Lisandra ?

_ Errrrr! O autor é quem escreveu o livro !

_ Isso mesmo , o autor é o escritor , quem escreveu o livro .

_ Mas quem escreveu fui eu !

_ Então , você é o autor do livro .

_ Eu vou escrever meu nome na capa do livro ?!

_ Isso mesmo !

_ Aha , há , há , há , há ! Eu sou autor de livro , eu sou autor de livro !

Quando a primeira criança posicionou-se diante da sala , entonou a voz e leu :

“ _ As Divertidas Memórias de André. “

As crianças não puderam se conter , uma salva de palmas estalou no ar , entre risos e silêncios prolongados as histórias foram embalando os dias daquela turma , aquecendo as manhãs , espantando a desolação e aridez dos exercícios escolares , já não precisavam mais deles, sabiam coser colchas , tecer histórias , entrelaçar suas vidas .

Pela janela um fio de luz viera para assistir ao espetáculo , o céu de um azul infinito , agora só nele havia desolação . Sentira falta dos olhos que noutros tempos , de longe, miravam-no sonhadores , por isso, resolveu... desprendeu-se lá de cima e viera de vez para ficar guardado e mais infinito ainda , dentro dos pequenos corações.

_ Lisandra conta mais uma vez nossa história , conta ?!

MEMÓRIA, ESCRITA, HISTÓRIA

“ Extra , extra , extra ! Crianças de uma primeira série da escola Anália Ferraz , descobrem o inacreditável , o inusitado , a impalpável ...

MÁQUINA DO TEMPO

O que seria ela caros leitores ? Seria uma engenhoca fantástica herdeira da confusa mente dos cientistas? Ou seria apenas um tropeço da teoria da relatividade ? Ou até quem sabe uma daquelas fantásticas invenções de criança ?

Chega de tantas perguntas ! Com vocês , a palavra de seus descobridores :

— É uma coisa que tá dentro da cabeça da gente e faz a gente lembrar do que já passou...

Posso até imaginar sua reação caro leitor :

Como procuramos tanto tempo algo que todos já temos ? Como querer inventar o que já foi inventado ? Então, quer dizer que a máquina do tempo está dentro da cabeça da gente ?

É isso mesmo, e digo mais , não me causa estranheza e espanto a descoberta em si , o que comove é o caminho percorrido por estes pequeninos e já tão sábios inventores .

Descobrir o que vai por dentro da gente não é tarefa tão fácil , é preciso mergulhar fundo nessa ‘ coisa que está dentro da cabeça ‘ e que chamamos de MEMÓRIA.

Percorrer os caminhos da memória é ainda mais engraçado e estranho, pois ela está dentro de nós e temos de buscá-la nas coisas que estão fora da gente .

Mamadeiras , roupinhas , sapatinhos , fotos , registros de nascimento , palavras , histórias ... Eis o combustível dessa nossa MÁQUINA DO TEMPO.

E é pela palavra e na palavra que tem início esta emocionante descoberta que vou agora lhes contar .

Agosto de 1997 ... A manhã estava fria e os casacos não conseguiam esconder os rostinhos sonolentos . Quando entrei na sala de aula do Anália Ferraz naquela manhã havia certa ansiedade no ar. As crianças logo perguntaram :

— É hoje tia ? É hoje que você vai dar pra gente ?

— hoje vou contar uma história . A história das memórias da Bruxa Onilda .

E bastaram só essas palavras para que muitas outras nos fizessem embarcar numa viagem muito maluca .

Os olhinhos atentos brilhavam , tentavam captar cada movimento meu , os ouvidos atentos às palavras e a imaginação de asas abertas , preparava seu vôo rumo à liberdade . Irromper as paredes frias da escola , era tudo do que precisávamos para aquecer aquela manhã .

— Do que será que vai falar essa história ?

— De bruxa ! Olha tem uma bruxa na capa !

— É a memória da Bruxa Onilda!

— E o que é memória ?

— É uma coisa que está dentro da cabeça da gente e que faz a gente lembrar do que já passou

O calor das palavras foi nos embalando numa rede de muitas outras palavras ...

Memória lembrava cabeça , lembrava tempo, lembrava vida , vida que foi vivida e registrada , lembrava fotos , escritos , objetos , teia de aranha , coisa velhas ...

memória lembrava história , história de vida . E o que era história ? História era distância, distância no tempo , distância no espaço , era o Pedro Álvares Cabral , era a história dos soldados era a história de invenção , como aquela que eu iria contar ...

— Mas quem é a Bruxa Onilda ?

— Eu não sei mas acho que ela quer nos contar , por isso escreveu sua história .

Na melodia das palavras da bruxinha, nossa imaginação foi devagarzinho rompendo fronteiras .

Brincando com o tempo , visitamos castelo de bruxa , quarto de bruxa , subimos e conhecemos um milenar e estranha árvore .

— Olha ! A árvore genealógica da bruxa ! Nossa só tem mulher !

— O que é árvore genealógica ?

— Ah! É aquele negócio que mostra todos os parentes da gente . O avô , bisavô, tataravô e... e não sei mais o que !

Flutuamos por entre astros , condições meteorológicas e geográficas .

Conhecemos duas bruxas muito simpáticas e sentados ao lado delas compartilhamos o momento mais esperado : o nascimento de nossa protagonista . E quando finalmente ela nasceu, ficamos surpresos e encantados ; era a bruxa feia mais linda que já havíamos conhecido.

Torna-mos logo amigos . Visitamos seu quarto , conhecemos seus estranhos parentes e nos divertimos com seus brinquedos maquiavélicos. Quem nunca teve seus delírios de sadismo quando pequeno , que nos atire a primeira pedra !

Digam-me : quem nunca desejou ter aquele sapo asqueroso para jogar naquela professora chata? E aquela aranha medonha só para intimidar seu irmão mais velho quando estava prestes a levar uns petelecos ?

Ah, bruxinha quanta fantasia , quanta lembrança !

A cada palavra nos identificávamos ainda mais . E na emoção do encontro até nos encorajávamos a tomar banho de lua com nossa inusitada amiga num horripilante pântano .

Lembramo-nos daquele inesquecível tombo de bicicleta enquanto a bruxinha tremia de medo em seu primeiro vôo na pequena vassoura .

E com ela voamos também , voamos tão alto e tão longe , tão longe que paramos bem aqui , aqui pertinho , bem dentro de nós mesmos.

Enquanto a bruxinha contava sua história , nós a saboreávamos com o paladar de nossa própria história .

Éramos tão diferentes e ao mesmo tempo tão parecidos com a bruxinha, que logo nos vimos a falar de nossas vidas .Memória , histórias , medos desafios , pequenas comédias , suaves dramas iam saltando daquele lugar que fica 'na cabeça da gente ' e iam se costurando na história da bruxa Onilda .

Até que finalmente alguém descobre : ' Ah ! Memórias é a historia da gente , é a nossa vida , é tudo que a gente viveu desde que a gente nasceu até agora !'

É mas eu não lembro de tudo!

E percebemos então que a nossa memória , a nossa história se constitui também no outro com o outro e por isso precisávamos buscar na memória desses outros a história adormecida em nossas memórias .

E foi aí que a bruxinha trouxe para a sala em sua vassoura , chupetas esquecidas , roupinhas ainda perfumadas , brinquedos , palavras e documentos , saudosas fotografias . Marcas , vestígios do que fomos , num ontem ainda tão próximo.

Viajamos no tempo de carona na vassoura de uma bruxa e a cada lugar revisitado , a cada acontecimento reprisado , a cada vitória conquistada , a cada fracasso , a cada encontro e desencontro íamos conhecendo e descobrindo não só o que está 'dentro da cabeça da gente ' , íamos conhecendo a pessoa que somos e que estamos sendo .

E de repente desse encontro fez-se a necessidade : ' escrever como sou , escrever por que sou, escrever para ser ' .

Entre o entusiasmo e a insegurança , o desafio e a resistência , as mãozinhas iam tecendo com e nas palavras , suas idéias , suas memórias , sua história .

Foi bonito participar dessa viagem . No burburinho da sala , agora aquecida pelas emoções do encontro com o outro e consigo mesmo , cada um foi se conhecendo , foi se descobrindo , fazendo-se conhecer e fazendo-se descobrir .

Lisandra lê a minha história e conta o que você entendeu ?

Puxa Ti , você tinha mesmo medo de palhaço quando era pequeno?

Ela entendeu ! Eu já sei escrever , eu já sei escrever !! (Abraça-me emocionado).

Com certeza voltamos todos um pouco diferentes dessa viagem ao tempo, por que em algum lugar dessa história , todas as histórias se encontraram e se fizeram história na história do outro , e se fizeram memória na lembrança do outro e se fizeram vivas na palavra do outro.

Naquela manhã fria , os rostinhos sonolentos não ouviram uma história, viveram e fizeram a HISTÓRIA. ²⁶

²⁶ Freitas , Lisandra C. G. de , " *Memória...Escrita...História* " , relatório de estágio escrito para a disciplina Estágio Supervisionado nas séries iniciais do primeiro grau, 1997.

_ Lisandra, esta semana iniciei um trabalho de produção textual com eles. Ficaram tão empolgados com o livro que vocês fizeram que eu resolvi aproveitar o momento . Eu li uma história para eles e não contei o fim , agora vou pedir que eles inventem um final e vou escrever um texto coletivo com as idéias que surgirem . Depois , eles vão ilustrar a história e o final que inventaram e vamos fazer outro livro. Depois quero colocá-los todos numa exposição. O que acha ? .

Não sei se ela notou , mas mananciais se abriram entre as pedras e flores brotavam em seu olhos ...

Quando o pai morreu Biela não tinha para onde ir . Moça solteira , criada desde pequena na roça , sem os refinamentos de uma moça educada . Crescera na Fazenda do Fundão, patrimônio que o pai agora lhe deixara . Sem mãe , tendo no pai única referência , ficou assim : moça calada , sem brilho.

Por isso Biela , fora morar na cidade com os únicos parentes que o pai lhe deixara : primo Conrado , sua esposa prima Constança e as crianças ; Mazília , Gilda , Fernanda , Alfeu e Silvino .

Foi com desilusão que os olhos das crianças receberam a figura miúda e socada de Biela , batendo com deselegância um pampa meio ronceiro. Imaginavam-na de outro jeito , em vestidos elegantes , toda dona de si.

Foram muito duros os primeiros dias . Biela tinha medo de Conrado. Foram poucas as vezes que lhe dirigiu a palavra . Constança desde o primeiro dia mostrou-se amiga , tentava fazê-la se sentir em casa .

Naquele mundo misterioso em que se metera Constança lhe trazia à memória a lembrança da mãe e das histórias de princesa que ela lhe contara . Seus jeitos de se vestir , de falar , de lidar com as pessoas , de lhe tratar e até seu jeito de rezar , observava-os atentamente. Nunca seria como prima Constança , tão bonita , bem tratada , e ... que coração tinha prima Constança . Sozinha com ela sentia-se mais à vontade .

Com as crianças era diferente , não conseguia disfarçar o medo que elas lhe causavam . Via as caras de deboche , ouvia os risos irônicos .

Durante os dias ficava só pela casa a observar Constança , tinha por companhia apenas as lembranças que trazia do Fundão. Um dia, enfim, descobriu a cozinha . Lá com a gente miúda sentia-se mais à vontade , conversava um pouco , se abria para as amizades . Eram como ela .

No quarto com suas coisas , Biela sentia-se mais ela . Olhou-se no espelho e quis mudar a figura miúda que via refletida. Pensou em Constança , queria ser como ela , sua altivez , sua segurança , sua desenvoltura .

Começou refazendo o coque que lhe prendia os cabelos . Colocou-o no alto da cabeça , como fazia Constança e as meninas .

Constança animou-se com os ímpetos de mudança da prima Biela e logo quis oferecer-lhe ajuda . Secretamente Constança esperava ver desabrochar na prima a flor que julgava escondida .

Biela foi se deixando capturar no jardim pela teia invisível que se urdia em torno dela . Foi se perdendo no labirinto infinito de fios que a enredavam , quanto mais a teciam mais a desfaziam .

Constança teve a idéia de comprar-lhe panos novos e finos , mandar-lhe fazer os mais belos vestidos , prima Biela se tornaria , em sua imaginação , uma fina flor da cidade .

Os vestidos , feitos com nobres fazendas , não lhe caíram bem . Sentia-se um espantalho . As saias não se acomodavam ao mirrado corpo . Apertava-lhe muito, mal podia respirar . De novo a humilhação . Sentia-se mal mas levaria aquela história até o fim , queria provar algo aos outros e a si mesma .

Mas logo as crianças a esqueceram , Constança desanimou-se , e Biela passava agora seus dias na mais completa solidão.

Passaram-se dias até que um fato viera mudar a monotonia de sua rotina .

Impedido de ir ao bar jogar com os amigos como sempre fazia , devido a uma briga que tivera com o dono do bar , Conrado passou a levar os amigos para jogar em sua casa . Seu Zico e o filho Modesto começaram a frequentar as noites em casa de Conrado.

Conversa vai , conversa vem , Modesto começou a espichar o olho para a figura avergonhada de Biela. Ela também notou o moço , mas tremia ao tentar ler em seus olhos as intenções de seus sorrisos .

Não demorou para Seu Zico notar o interesse de Modesto em Biela e logo , fez Conrado saber de suas intenções ; era do gosto de Seu Zico que Modesto noivasse Biela .

Constança ficaria encarregada de dar a notícia e convencer a moça .

Não fora nada fácil , Biela se recusava . Não fosse a insistência das mulheres da cidade e os sonhos românticos que Mazília lhe contava todos os dias, Biela não teria aceitado. Enfim , aceitou .

Noivaram por algum tempo . Os encontros eram marcados por longos silêncios , interrompidos apenas pelas perguntas insistentes de Modesto sobre o patrimônio de Biela .

Conrado e Constança estavam satisfeitos e empenhados nos preparativos para o casório .

Foi, então, que Seu Zico mandou Modesto numa viagem a trabalho. Com dois capatazes , um homem e um pouco de dinheiro , foi Modesto cumprir as ordens do pai.

Tempos depois , voltaram os dois capatazes , o homem e a notícia de que Modesto deu um pouco de dinheiro para os homens e se mandou para um sertão bem longe .

Ninguém pôde saber a humilhação que se abateu sobre Biela . Sentia-se a mais miserável das criaturas e calou-se por longo tempo . Depois convenceu-se que fora melhor assim , aquele lá não era mesmo boa coisa. Ficaria melhor encerrada em sua solidão .

E Biela acostumou-se a ser um vulto na família , miserável , espremida entre os móveis , humilhada , enjeitada , para sempre motivo de gozação .

Olhava no espelho aquele farrapo de gente vestida em seda e tafetá, e não reconhecia a imagem que via . O que tinha feito dela ? O que pediram que ela fosse ? Crescia dentro dela as lembranças do Fundão , as amarguras da nova vida na cidade , o gosto acre das humilhações ... Biela começava a enxergar os fios invisíveis que a teciam e nela pequenas mudanças começaram a se processar . Vagarosas , discretas como era de seu feitio. Voltava a um desenvolvimento natural , interrompido independentemente de sua vontade .

Prima Biela voltava a ser o que era , a ser ela mesma . Mas ninguém percebia que Biela mudava . As lembranças iam lhe crescendo n'alma de tal forma que Biela precisava saber como tudo começara , sentiu que precisava mudar , fazer alguma coisa para acabar com aquele sofrimento.

Não tinha idéia , procurava sozinha o seu caminho. Sentia que algo mudava . Olhou-se , então, por um instante , não se reconhecia , metida nos vestidos emprestados tentando imitar alguém que não era ela , que não se parecia com ela . Com o que se parecia aquilo que queriam que ela fosse ? Não seria aquilo de jeito nenhum .

Uma profusão de sentimentos estouraram em seu peito . No choro desesperado Biela rasgou os vestidos que não eram dela e depois, chorou , chorou, até as lágrimas lhe faltarem . Passado o desespero Biela viu nascer no espelho a figura da mulher que conhecia, agora assim, o corpo nu , os cabelos emaranhados Biela se reconhecia a Biela que morava na Fazenda do Fundão, que descalça e desengonçada ia tecendo sua vida simples entre o mato e os animais, era como eles não precisava de muita coisa para viver . Pela primeira vez sentia-se segura naquela casa . Vestiu os farrapos que trouxera da Fazenda do pai e que, se ajustavam tão bem em seu corpo franzino , sem traquejos de moça fina , ajeitou-lhe o coque baixo que costumava fazer, desobrigou o corpo da postura rija e saiu do quarto decidida a ser de novo ela mesma .

Biela deixou-se ver . Nela repararam as mudanças que se procederam. Foi para cozinha socar pilão que era o que sabia fazer bem . Era o trabalho que todos os dias emprendia com cuidado no Fundão . Foi ficar com a gente pequena que sabia falar das coisas grandes que vivera , do mato sem fim , do riacho doce para nadar , dos campos livres para correr. Reconheceram pela primeira vez a Biela que sempre fora .

Resolveu recomeçar sua vida como se estivesse chegando naquela casa pela primeira vez. Com a diferença de que agora sabia com que mundo e pessoas tinha de lidar...

Começava aprender a lidar com os fios invisíveis que me urdiam ...

Já estávamos em setembro . Aproximavam-se as comemorações de São Francisco, cuja vida inspirou o carisma da congregação que mantinha o colégio onde trabalhava . Durante uma de nossas reuniões pedagógicas , ficou decidido : naquele ano faríamos um trabalho diferente; além de estudarmos a história do santo e sua relação com a natureza , todos os cursos estudariam o “ Cântico às Criaturas”, escrito por São Francisco.

No Curso de Educação Infantil cada série ficaria responsável por um trecho do cântico enfatizando, através dele, o elemento natural ao qual ele se referia. Era um jeito de estudarmos elementos naturais e preservação do meio ambiente (conteúdos previstos no plano anual) sob a ótica dos valores cristãos. Assim uma turma retomaria o conteúdo já estudado sobre vegetais , outra sobre animais , outra sobre o ar , outra sobre a água , outra sobre o solo e outra ainda sobre os efeitos da ação do homem sobre o meio ambiente . Caberia a cada professora escolher o elemento natural e o trecho do cântico que desejasse trabalhar. Caberia a cada professora planejar o desenvolvimento do tema escolhido . Era a primeira vez que planejaríamos, cada uma para sua turma , suas próprias atividades .

Começaríamos porém , pela vida de São Francisco , depois trabalharíamos as histórias do livro “ Irmão Lobo , Irmã Cigarra “ , para motivar a discussão sobre preservação do meio ambiente . Teríamos ao mesmo tempo de desenvolver as atividades de matemática e alfabetização já planejadas .

(Profª): _ Hoje vamos ouvir uma poesia que se chama São Francisco .

“ Lá vai São Francisco pelo caminho
de pé descalço tão pobrezinho ...”

(Profª): _ Quem conhece São Francisco ?

_ Ele era um santo que cuidava da natureza .

(Profª): _ Como ele era ? Quem sabe me contar como ele vivia ?

_ Ele era pobre e ajudava os pobres e a natureza . Ele ensinava respeitar os animais .

(Profª): _ Por quê ?

_ Por que eles são filhos de Deus ?

(Prof^o) : _ É ! - percorreu-me certo incômodo mas continuei - Ele sempre foi pobre ?

_ Não , ele era rico e egoísta , aí ele foi na guerra viu as pessoas morrendo, ficou triste e resolveu ficar pobre , a professora do infantil III já contou essa história . Professora , você viu na televisão que a gente não pode mais tomar água da torneira ?

_ É, a água está fedida !

_ Sabe, hoje eu fui tomar banho e a água tava cheirando peixe morto. (risos)

(Prof^o) : _ É , depois a professora explica por quê . Como São Francisco tratava a natureza ?

_ Eu ouvi na televisão que as pessoas estão sujando a água do rio .

De repente todas as crianças estavam envolvidas na discussão sobre o problema que estava afetando a vida de todos em casa e também na escola . Mas aquela não era a hora de falar sobre o assunto , eu tinha que dar conta da história do santo , obstinada que estava em cumprir rigorosamente as orientações do plano de aula que havia preparado , além do mais não havia planejado falar sobre aquele assunto , não estava preparada , não tinha organizado o conteúdo de maneira didática para que eles o compreendessem . Afinal, a discussão do problema envolvia conceitos muito abstratos para crianças “tão pequenas e inexperientes” . Pesava na balança de minha decisão o pré - conceito que já havia incorporado sobre a turma , apesar de me questionar inúmeras vezes sobre ele . Ainda os considerava como crianças imaturas . Exerci, então, minha autoridade de professora .

_ Nós não vamos falar deste assunto agora , por que já estamos estudando sobre a vida de São Francisco . A água está fedida por que o rio de onde ela vem está poluído, outra hora falamos sobre o assunto . Agora me respondam , quem sabe como São Francisco tratava a natureza ?

Ora o que importava naquele momento como São Francisco tratava a natureza? O que importava dizer que ele chamava o sol e os passarinhos de irmãos , as plantas de irmãs , a água do rio de irmã ? Nós não o fazíamos e, certamente, não era por que desconhecíamos que todas as criaturas são filhas de Deus . Que importava saber por que ele havia se destituído de sua riqueza e feito opção pela

pobreza ? Já havia acontecido há tanto tempo ! Tempo que as crianças nem conseguiam imaginar . Não podia fazer com que entendessem tudo aquilo , por que secretamente eu sabia , quando olhava ao meu redor , quando detinha-me a procurar naqueles que diziam se inspirar no carisma de São Francisco , na humildade, na pobreza e na compaixão do santo , tudo que encontrava era a aridez em seus corações e a desolação em seus olhares ... começava a pressentir que era estreito e sinuoso o caminho que nos conduzia às íngremes escarpas , donde finalmente lançaríamos nosso afogado de volta ao mar ...

_ Mas professora , as pessoas estão sujando o rio , meu pai falou , eu ouvi na televisão.

Eu sabia que eles tinham razão , não era como São Francisco tratava a natureza que importava naquele momento, era como todos nós vínhamos solapando nosso patrimônio natural . Estava ali, a poucos metros de onde estávamos , a prova do nosso crime; a água do bebedouro estava imprópria para o consumo , e era isso que importava entender naquele momento, para compreender de fato os motivos e consequências de nossas ações no meio em que vivemos . Mas haveria uma exposição no final do mês , exporia os trabalhos das crianças ... elas também me exporiam naquela exposição . Não me esquecia das últimas orientações da coordenadora na reunião pedagógica : “ O colégio está em crise , estamos perdendo muitos alunos , é possível que fechemos classes no final deste ano. O melhor marketing para escola são vocês , o trabalho que vocês realizam . Em exposições como esta , vêm muitas crianças de fora , amigos , primos ... O sucesso da exposição e o que ela pode nos render depende de vocês . Façam um bom trabalho , confio em vocês . “ Quisera eu , que nunca tivesse confiado. O que faria ? Precisava realizar um “bom “ trabalho , precisava ser uma “boa” professora , ser tão “boa” quanto, de mim , era esperado.

_ Turminha , temos uma exposição no final do mês sobre a vida de São Francisco , se não estudarmos isso agora vocês não poderão expor nenhum trabalhinho . Já pensou , todo mundo vai poder trazer o papai , a mamãe e os amiguinhos para verem , só vocês que não !

O que faria ? Numa fração de segundos tive a sensação clandestina que tinha todos os dias quando me olhava no espelho . Não reconhecia mais minha face . Que olhos eram aqueles ? Que desolação !! E as roupas ?! Que roupas eram aquelas que

me deram a vestir ? Então não viam que não me serviam ? Espantalho andando pela casa . Prendia a respiração para não doer as costelas , não me mexia muito para que as costelas não perfurassem o coração . Desengonçada , tentava me fazer caber dentro daquelas roupas , tentava me parecer com aquelas moças confiantes, seguras de si , que noutras épocas , metidas em corpetes suicidas, desfilavam elegantemente com seus belos vestidos pelas ruas , no intuito de serem olhadas, cobiçadas por belos rapazes de lindos olhos e generosos bolsos, como competia a moçoilas casadouras de família . Será que não sentiam aquele aperto ? Só eu brigava assim com meus próprios olhos diante do espelho ? Biela me entenderia ...

_ São Francisco chamava todas as criaturas de irm....

_ Professora , por que a água ficou fedida ?

_ Professora , o Tiago me beliscou .

_ Professora , olha o Vitor?

Do alto dos meus pensamentos , pelo declive íngreme das escarpas, pude mirar , enfim , a desolação daquelas tardes , a aridez das relações e a estreiteza de nossos propósitos . Lá em baixo, na beirada da praia, parado , jeito seco de erva rasteira do sertão, seu olhar me acompanhava . Grudados em mim seus olhos tateavam as pedras que não estavam nas íngremes escarpas . Vento frio percorreu a espinha . Os olhos de Damázio , olhos ínvios de Damázio, vieram finalmente buscar o que não era para ele . “ *O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo* ”²⁷ . Só Biela , só Biela me entenderia .

Ali sentada no chão , com o livro de São Francisco entre as mãos , respirei fundo e convidei Damázio para me ajudar a carregar o corpo de nosso lindo afogado até o topo das escarpas . Enquanto o corpo caía inerte em direção ao mar , meus olhos misturavam-se ao azul oceânico. Por uns instantes procurei minha imagem refletida n'água ... o rosto que vi perdeu-se para sempre no silêncio infinito daquele instante ...

_ Professora , professora , olha o fulano...

_ Professora , e São Francisco? E a água fedida ? Profes.....

Estonteada, perdida em labirintos de fantasias, foi Biela quem me estendeu a mão. “Vem , vem e olha de novo no espelho , aperta o zóio pra enxergá bem lá no

²⁷Rosa, J. Guimarães . “Famigerado” In: __ **Primeiras Estórias** , Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1981, p. 8.

fundo.” Acalentada pela tímida voz de Biela olhei-me de novo no espelho d’água . Já não via mais o rosto que eu tinha , quebrou-se nas pedras no movimentos das marés, rasgaram-se os vestidos, caíram-se as máscaras . No espelho uma imensa colcha de retalhos, urdida com invisíveis fios , traduzia-me . Ali, sentada no chão, pela primeira vez sentia-me segura . Ao longe , bem distante dali , quase imperceptível , ecoou o som de um corpo estalando nas águas do mar ... pela primeira vez mergulhei...

Dei-me conta que estavam falando o conteúdo que deveríamos estudar, sobre o qual já refletiam e faziam algumas elaborações . Falavam sobre a importância da água em nossas vidas. Relatavam o transtorno que estavam vivendo por causa da poluição do rio , viviam as consequências da destruição do meio ambiente, diziam que fazíamos parte desse processo, e percebiam , ao sentirem as consequências do problema , a necessidade do respeito pela natureza , percebiam que nossa saúde , nossas vidas dependem dela .

Não tinha sentido insistir numa conversa que estava tão distante deles e que pretendia chegar no que já estavam discutindo.

Ficara em mim a lembrança da bruxinha . Crescia em mim a história que construímos juntos naquela manhã fria de agosto . Agora sabia ; aprendizes de feiticeiros fizeram transbordar em mim a magia do nosso encontro ...

Arrisquei-me a experimentar-me :

(Profª): _ O que vocês acham que pode estar acontecendo com a água ?

_ Eu acho que o cano está sujo .

_ Que cano ?

_ O cano por onde a água vai para nossas casas , meu pai que falou que tem um cano . A água não vem do cano ?

_ É , mas antes ela sai do rio .

_ Mas é que o rio tá poluído !

(Profª): _ Que rio ?

_ Ah , não sei , o rio Tietê !

(Profª): _ O que vocês acham que está poluindo o rio ?

_ Eu acho que é sujeira !

(Profª): _ De onde vem a sujeira ?

_ As pessoas que jogam .

(Profª): _ Que pessoas ?

_ As pessoas mal-educadas . Agora a gente tem que tomar água suja.

(Profª): _ Vocês sabiam que este rio que está sendo poluído fica bem perto da nossa cidade e é dele que vem quase toda a água que usamos ? Ele se chama Rio Atibaia , e muitas vezes nós também ajudamos a poluir o rio.

_ Por que professora ?

Quando dei por mim estava falando de um assunto que também era conteúdo escolar e as crianças, entusiasmadas, queriam saber sempre mais . Os olhos ínvios de Damázio enterneceram-se ...

_ O que acontece se a gente tomar água suja professora ?

_ Dá bichinho na barriga , né professora ?

_ Não é bichinho que fala , é micróbio .

E conversamos muito naquele dia . Olhos e ouvidos atentos . Psiu , fala baixo que eu não escuto a professora ! Falamos de biologia, escrita , geografia , matemática ... o conhecimento ia dando-se a ver em suas múltiplas facetas . Perdemos a noção do tempo em que estivemos ali sentados conversando .

A rotina do dia seguiu-se como eu havia planejado . No decorrer da tarde ouvimos a música de São Francisco que eles já conheciam e fizemos a atividade prevista ; revisão silábica . Passaram a tarde comentando vez ou outra sobre a poluição do rio Atibaia .

_ Professora , São Francisco ia ficar triste se soubesse o que está acontecendo com o rio Atibaia , não ia ?

Não tinha dúvidas , precisávamos estudar sobre o que estava acontecendo na cidade , precisávamos estudar sobre água , precisávamos conhecer o problema do rio Atibaia , mas estava certa de que não mais o faria como antigamente . Agora , aprendia a manejar as agulhas ; eles inventavam os desenhos e eu ensinava dar os pontos . A colcha de retalhos crescia ...

Quando cheguei em casa naquele dia, sentei diante do computador e surpreendi-me escrevendo : *Projeto Rio Atibaia* . Na conversa daquele dia havia percebido que também muita coisa do que eles precisavam saber sobre água eu

também não sabia, o repertório de conteúdos que estava acostumada a trabalhar sobre o tema não dava conta da complexidade de conceitos que eles já vinham elaborando e, nem do processo dinâmico em que eles se produziam .

O que de fato estava acontecendo ao Rio Atibaia ? Só ele abastece a cidade de Campinas? O que acontece com a água desde que ela sai do rio e chega até nossas casas ? Para onde ela vai depois que a usamos ? Onde fica o Rio Atibaia ? De onde vem água do rio ? Só nós precisamos dele ? A água que usamos é de graça ? De que formas utilizamos a água em nossa vida ? O que acontece se tomarmos água contaminada? ... Eram muitos os caminhos para os quais as perguntas das crianças apontavam , decidi embarcar nesta viagem .

Desta vez rascunhei um *esboço* de projeto . Da forma como as coisas começaram era imprescindível *escutar* as crianças para saber que caminhos percorrer.

Precisava ter em mente o objetivo do projeto ; o que eu , como professora , pretendia com ele , a viagem seria longa , muitas seriam as histórias que teríamos para desenhar em nossa colcha . Arrumei a mochila , me abasteci dos alimentos necessários para saciar a fome no decorrer do caminho. Estudei uns conceitos aqui , umas rotas ali . Pensei em algumas estratégias iniciais para dar encaminhamento e materialidade às discussões e elaborações já iniciadas . O resto iria se definindo no decorrer do caminho .

Selecionei algumas reportagens de jornal e livros de literatura infantil , precisava me experimentar mais vezes no trabalho com a literatura infantil ; nossos olhos estavam desejosos de aventuras , nossos corações aspiravam à sensibilidade dos rumores literários .

Pus-me a estudar . Jornais , livros , informações virtuais , mapas , enciclopédias... procurava possibilidades .

Levei para escola tudo quanto havia encontrado . Qual não foi minha surpresa quando, ao chegar na escola no dia seguinte , as crianças entraram na sala , antes do sinal de entrada, ansiosas para me mostrarem as notícias que elas haviam encontrado no jornal e o que tinham escutado sobre o rio . Crianças imaturas lêem jornal ? Eram eles que não estavam preparados para aprender ?!

Naquele dia ultrapassamos nosso limite habitual de tempo sentados na linha . Todos queriam contar sobre o Rio Atibaia . Algumas crianças se arriscaram a tentar

ler as reportagens que levaram . Outras pediram que eu lesse , e acharam difícil de entender o que estava escrito . Eles elaboravam os contornos dos desenhos , eu ensinava os pontos ...

_ É que jornal é feito para adulto , né professora e eles escrevem palavras que as crianças não sabem .

Fui então lendo as reportagens e fazendo pausas para explicar as palavras que eles não entendiam . Encontramos algumas expressões científicas que eu também não conhecia e, uma criança, deu a idéia :

_ Vamos procurar no dicionário ?

_ Como se procura no dicionário, quem sabe ?

Mas agora era aula de português ? Deixa para lá , não importa !E todos se envolveram com a atividade , cada um querendo mostrar o que já sabia fazer , cada um querendo ensinar ao outro como se fazia . Agulhas , linhas , fios e retalhos , muitos retalhos . Cosíamos sem pressa .

_ Meu irmão falou que as palavras ficam em ordem alfabética no dicionário , lembra que você ensinou a ordem alfabética , professora ?

_ É mesmo, fica bem mais fácil de procurar .

A hora da linha parecia não ter tempo para acabar , pela primeira vez as crianças e eu encontrávamos um sentido naquele momento da rotina escolar .

_ Professora, o que está poluindo o rio ?

_ O que tem deixado a água do rio com mal cheiro é uma alga que está se espalhando pela água do rio . Quanto mais suja a água estiver mais algas vão nascer, por que elas se alimentam de um líquido que bichinhos muito pequenos , que a gente não enxerga sem a ajuda do microscópio , soltam quando comem a sujeira que jogamos no rio . Esses bichinhos minúsculos são chamados de bactérias . Quanto mais bactérias tiver na água mais alimentos elas vão produzir para as algas . As algas se alimentam mais e se espalham pelo rio . Quando tem muita alga na água dizemos que a água está contaminada , ou seja , não pode ser bebida pelas pessoas por que fará mal para o corpo.

Organismo microscópico era um conceito abstrato demais para crianças tão pequenas e “imaturas “ ? Saímos do dicionário e fomos direto para o laboratório. A ida ao laboratório deixava de ser mais uma tarefa obrigatória incorporada aos

conteúdos para tornar-se uma atividade que incorporava os conhecimentos que estavam sendo estudados . Fiquei surpresa ao notar o interesse das crianças por saber o que eram os “micróbios “ e como podiam causar danos a nossa saúde .

_ O que vocês estão vendo nessa lâmina ?

_ Nada !! Só uma gota de água .

_ Será que aí pode ter um ser vivo ?Vamos olhar no microscópio ?

_ Professora, olha tem um bichinho se mexendo no meio da sujeira . Corre, corre , vem ver . Olha ele tem um rabinho !

_ Esse “bichinho” é um microorganismo , quer dizer um ser vivo tão pequeno que só podemos enxergá-lo com a ajuda do microscópio . Eles podem estar na água , na terra , sobre os objetos , nos alimentos e até em nosso corpo , principalmente, na pele e no intestino . Alguns têm esse “rabinho” que se chama flagelo . Para quê vocês acham que serve ?

_ É para ele nadar na água suja . Ele é um animal professora ?

_ Isso mesmo Felipe ele usa o flagelo para nadar e podemos dizer sim que ele é um animal microscópico , quer dizer muito pequeno .

_ Vamos chamar esse microorganismo de protozoário . Este daí vive em água poluída .

_ A gente pode beber ele professora ?

_ Se tomarmos água contaminada com este tipo de protozoário , ficaremos muito doente . Teremos dor de barriga , sonolência , fraqueza e dor de cabeça .

_ Nossa!!

No laboratório observamos microorganismos que vivem em água poluída. Conhecemos alguns tipos de bactérias e vermes nocivos à saúde do homem e que são transmitidos pela ingestão de água contaminada . Observamos também, bactérias que são benéficas à saúde do homem , como as que parasitam as paredes do intestino humano . Conversamos rapidamente sobre algumas doenças e sintomas provocados pela ingestão ou contato com água contaminada por estas bactérias e pelos ovos de vermes de alguns vermes .

A caminhada aquele dia havia sido longa , precisávamos de uma pausa , rever o percurso feito até ali, demarcar os caminhos por onde passamos para não nos

perdermos . Retomei o percurso , foram muitas as informações durante o caminho , para ajudá-los a organizá-las , registrei-as na lousa, como costumava fazer quando estudava .

Neste dia, substituí uma atividade de revisão silábica pelo registro do estudo realizado no laboratório. Este foi o primeiro registro do projeto, foi também a primeira vez que sugeri que escrevessem sobre uma experiência vivida. Percebi, naquele momento que as crianças tinham necessidade de organizar pelo desenho / escrita as informações às quais tiveram acesso . Ganhava habilidade com as agulhas ...

Algumas crianças resistiram à escrita , sentei-me ao lado delas e ofereci ajuda para organizar as idéias do que gostariam de escrever e explicitar os aspectos mecânicos e estruturais da escrita em que ainda tinham dúvidas.

Sugeri também que as crianças que tivessem acabado, ajudassem os colegas que precisassem . Fiávamos com a mesma linha uns aos outros ...

A resistência cedia lugar à crença de que se era capaz de escrever e ao esforço e desejo por aprender .

Até aqui, as atividades que propúnhamos na escola cumpriam , para mim, só a função de registrar o que tinha sido compreendido ou não e auxiliar no processo de memorização das informações recebidas . Sabia , na prática, que eram atividades mecânicas mas não desconfiava que a forma como eu as teorizava , e isso, só mais tarde, enquanto escrevia este texto (por que na ocasião não fiz registros dessa experiência) pude perceber , também o era e supunha uma determinada concepção de educação que eu julgava já ter superado. Nem sempre as rotas são legíveis , de vez em quando nos perdemos a caminho . Daí talvez viesse a dificuldade que sentia em propor atividades que não me parecessem mecânicas e ao mesmo tempo dessem conta da complexidade do que estávamos vivendo . Não queria mais ver estampado numa folha o resultado do ensino , queria que traçassem para mim as rotas que percorriam , queria que se dessem conta delas enquanto as traçassem .

Mas nem sempre as viagens são feitas apenas de belas paisagens, vez ou outra encontramos pedras no caminho . Vivia um conflito : enquanto aluna estava vivendo no estágio uma dinâmica de produção de conhecimento , na qual a escrita de relatos , num Diário de Campo (que também poderia ser um Diário de Bordo), eram importantes momentos de organização da experiência vivida , direcionavam

minha atenção para os aspectos de uma determinada prática pedagógica que eu estava elaborando. Escrevendo o diário de bordo , descobria e apontava novos caminhos. Precisava ensiná-los a escrever diários de bordo , só riscar mapas demonstrando o caminho percorrido não dava conta de mostrar a beleza do percurso .

Seguíamos assim, estudando biologia , química , português, matemática... de tal forma que lançávamos mão de conceitos científicos produzidos em várias áreas de conhecimento para ampliarmos nossa compreensão sobre o problema estudado, sem que em algum momento fragmentássemos o conhecimento em áreas. O conhecimento ia se produzindo ao sabor de nossas descobertas e dúvidas .

Numa de nossas conversas ficou claro que as crianças não sabiam onde se localizava o rio Atibaia , sempre que se referiam ao rio imaginavam-no muito longe , distante, ora em área completamente urbana (tendo como referência imagens do rio Tietê em São Paulo) ora em área rural (tomavam, aqui, como referência, as imagens de livros e desenhos escolares que geralmente exploram a figura do rio em paisagens naturais sem a presença ou interferência humana) . Não tinham a dimensão de continuidade do rio pensando que ele não podia ao mesmo tempo fazer parte destas duas paisagens .

Pesquisei fotos de vários trechos do rio Atibaia no decorrer de seu curso . Num dos suplementos dos jornais que retratavam a agonia do rio , encontrei fotos coloridas de vários “lugares” por onde o rio passa ao longo de sua extensão .

Utilizei mapas da cidade de Campinas , do estado de São Paulo e do Brasil para localizar o rio, destacando neles as cidades mostradas nas fotos , e suas dimensões em comparação a outros rios brasileiros como o Amazonas , o São Francisco e o rio Tietê . Como os mapas da escola não poderiam ficar por muito tempo expostos na sala, desenhei-os em cartolinas e observando os mapas originais fomos criando legendas para representar as informações que nos interessavam e que iam conhecendo ao passo em que as dúvidas surgiam , no momento em que eram necessárias para contribuir com a elaboração de um determinado conceito científico que se pretendia ensinar .

Mais tarde, percebi que toda vez que mencionávamos o problema da poluição do rio , enfatizávamos apenas os danos que isso causava em nossa vida e passei a questioná-los sobre os outros seres vivos que também dependiam da água e do rio

para sobreviver. Citaram os peixes e os “animais que bebem água do rio “. Propus uma nova pesquisa , tentarmos descobrir que animais viviam/vivem próximos ao rio Atibaia. E fomos conhecendo um pouco da flora e fauna da região, principalmente , os peixes e mamíferos .

Descobrimos que algumas espécies estão em extinção devido ao processo de desmatamento da mata ciliar do rio Atibaia provocado pelo crescimento das cidades que se localizam ao longo do curso do rio .

Todo material de pesquisa que utilizava , costumava deixar sobre uma mesa para guardá-los depois . Entre uma atividade e outra notei que as crianças iam até a mesa para consultar o material , recontar o que tinham entendido ao colega , tentar ler alguma reportagem de jornal , ver novamente as gravuras , nelas apontavam para os amigos os detalhes que mais lhes chamaram a atenção, e neste movimento iam trocando informações , trocando formas de significar a mesma informação. Eu começava a perceber como meus alunos manejavam agulhas .

Propus , então, que montássemos uma exposição com todo o material que estávamos pesquisando . As crianças ficaram muito empolgadas e no decorrer do projeto contribuíram muito para que nossa exposição se enriquecesse. Levaram para escola muitos recortes de jornais , livros e revistas, não apenas sobre o rio Atibaia mas também sobre outros rios do Brasil .

Nossa viagem ia se dando assim , do lugar onde chegávamos avistávamos terras mais distantes; “ Como será que a água sai do rio e chega até nossas casas ? Quem está poluindo o rio e por quê ? Será que é só a poluição da água que está ajudando a matar o rio Atibaia ?” ...

À medida que as crianças tentavam compreender os problemas que nos propúnhamos, descobríamos outras maneiras de trilhar o mesmo caminho , em cada uma delas , abria-se um sem número de outras possibilidades. Neste percurso as palavras sempre foram companheiras inseparáveis ; ofereciam-nos “suas mil faces secretas sob a face neutra” e , despretensiosamente , perguntavam-nos : “ Trouxestes a chave ? “

_ O que acontece com a água suja que usamos ? A água do banho , a água que usamos para lavar as mãos , as louças ...

_Eu acho que essa água volta pro cano .

_ Pelo mesmo cano que ela veio ?

_ Ah , não sei .

_ Ela volta pra terra embaixo da casa .

_ Eu acho que ela volta para o cano . Mas não o mesmo . Ela vai para o esgoto.

Profª : _ É isso mesmo ! A água suja , já usada sai de nossas casas pelos canos que formam o esgoto .

_ E o esgoto vai para onde ?

_ Meu pai falou que vai pra Lagoa do Taquaral.

_ Eu acho que vai pra Sanasa.

_ Pro bueiro! Porque o bueiro perto da minha casa tá sempre fedido .

As crianças aceitavam o desafio , traziam suas mil chaves. E uma a uma compunham o segredo da fechadura . Experiências marcadas pela ajuda de um irmão mais velho, pelos comentários que ouviam os pais fazendo , pelo que ouviam na televisão , pelo que já haviam vivido e estudado na escola ... eram muitas , muitas chaves .

Algumas abriam meia porta , outras escancaravam a porta inteira , mas quando se entrava outras mil portas repetiam e coro : “Trouxestes a chave ?” Eram as palavras que orientavam a atenção das crianças no processo de busca e elaboração do conhecimento . Começamos a brincar com palavras...

Com cada palavra que me deparo desde, então, puxo o molho de mil chaves e, uma a uma vou compondo e decompondo o segredo da fechadura ; conceitos , projetos , aprendizagem , desenvolvimento , leitura , cultura , história , escrita , memória ...

E as palavras foram crescendo... crescendo... e cresceram tanto que transbordaram nossa imaginação.

_ Um livro , um livro , vamos escrever um livro?

_ É daí todo mundo vai saber o que a gente sabe .

_ Ééééé!!! Todo mundo vai ler a nossa história.

_ Vai ser legal , vai ser da hora !!

Naqueles dias , nem brigas , nem birras , nem choro .

_ Thiago , você desenha e eu escrevo , tá ?

_ Olha, põe mais carros nessa cidade , Campinas tem mais carros .
_ Aqui o rio morreu então, vou desenhar com bastante preto , para ficar bem triste .

_ Por que você desenhou os peixes voando ? Assim , vai ficar feio Jéssica!
_ Não Marina , você não entendeu !É que aqui caiu inseticida da plantação na água do rio e os peixes estão sem ar , então eles ficam pulando para respirar !!

_ Coitados !
_ E como vai chamar nosso livro ?
_ “O rio Atibaia” !
_ Ah, não ! “A poluição do rio” .
_ “O rio está morto” !
_ “Cuidem do rio” !
_ “A História da morte do rio Atibaia” ?
_ Que tal votarmos ?

Mas o final de mais uma viagem se anunciava. Com o livro entre as mãos; “A morte do Rio Atibaia” , folheavam atônitos;

_ Esse aqui fui eu , mas o João me ajudou fazer a perninha .
_ Que legal ! Olha o caminhão do Thiago!
_ O Felipe que deu idéia de colar figura de revista no lixo que tá caindo do caminhão .

_ Professora , lê de novo a história ?
_ “Era uma vez um rio chamado Rio Atibaia ...”
_ Isso aí fui eu que falei !
_ E isso fui eu que dei essa idéia, mas o Vitor também me ajudou .

Olhamos perplexos uns para os outros . Talvez Biela estivesse entre nós , talvez Biela entendesse a beleza daquele momento . Estávamos tão diferentes ! Em cada percurso que trilhamos , em cada pedra que retiramos do caminho , cada porta que abrimos ... por onde passamos , em tudo que fomos ficou um pouco de nós.Ficou um pouco de mim e um pouco deles , por que de tudo sempre fica um pouco . Recolhendo as lembranças aqui e ali tentando refazer o percurso para achar o caminho , misturamo-nos todos , urdidos que estávamos pelos fios invisíveis que nos enredavam .

Ao final da viagem nada nos ficou , nem tesouros , nem piratas , nem belas sereias ... ficamos nós , tecidos na história do outro com a mesma linha invisível , crescidos na imaginação do outro , capturados pela palavra do outro ; “Trouxestes a chave ?”

Mas de tudo fica um pouco , ficou um pouco de tudo estampado na imensa colcha de retalhos . Um pouco ficou dos olhos invios de Damázio, um pouco dos vestidos rotos de Biela, um pouco do belo sorriso do afogado, um pouco da bruxa e de seus aprendizes de feiticeiros ... um pouco da aluna que entre desencontros e angústias reencontrou-se com um molho de mil chaves nas mãos , um pouco da estagiária que, fazendo junto, aprendeu a se refazer... um pouco, bem , talvez bem mais que um pouco , por que nelas brotaram todas juntas ... a professora , que descobriu-se professora nas histórias dos outros e nas outras que na sua história se urdiram ...

Foi uma intensa viagem...

“ Viajamos no tempo de carona na vassoura de uma bruxa e a cada lugar revisitado , a cada acontecimento reprisado , a cada vitória conquistada, a cada fracasso , a cada encontro e desencontro íamos conhecendo e descobrindo não só o que está 'dentro da cabeça da gente' , íamos conhecendo a pessoa que fomos e que estamos sendo .

E de repente desse encontro fez-se a necessidade : 'escrever como sou , escrever por que sou, escrever para ser ' .

Entre o entusiasmo e a insegurança , o desafio e a resistência , as mãozinhas iam tecendo com/nas palavras , suas idéias , suas memórias , sua história .

Foi bonito participar dessa viagem . No burburinho da sala , agora aquecida pelas emoções do encontro com o outro e consigo mesmo , cada um foi se conhecendo , foi se descobrindo , fazendo-se conhecer e fazendo-se descobrir (...)

Com certeza voltamos todos um pouco diferentes dessa viagem ao tempo, por que em algum lugar dessa história , todas as histórias se encontraram e se fizeram história na história do outro , e se fizeram memória na lembrança do outro e se fizeram vivas na palavra do outro .

Naquela manhã fria , os rostinhos sonolentos não ouviram uma história, viveram e fizeram História .”²⁸

E ...” não tiveram necessidade de olhar-se uns aos outros para perceber que já não estavam todos , nem voltariam a estar jamais . ”²⁹....

²⁸ **Memória ...Escrita ...História** , Relatório de Estágio realizado na 1ª série do 1º grau na Escola Municipal Anália Ferraz Costa Couto, 1997 .

²⁹ Marques, Gabriel Garcia . “O afogado mais bonito do mundo” in **A incrível e Triste História de Cândida Erêndira e sua avó desalmada**, Ed Record, SP., 1972 , p-54.

Epilogo ?

... Entreato ...

Quisera ter analisado, palavra por palavra, cada trecho desta história, quisera ter lhes explicado como tudo aconteceu ... mas o “vivido não se deixa aprisionar a não ser como redundância “.³⁰

Agora , relendo esta história percebo que mais fui narrada do que me narrei . Fazendo-me personagem em outras histórias , fui protagonista de minha própria história , me constitui personagem de mim mesma ao me escrever na história do outro.

Seduzida pela palavra , me desmanchei em palavras até perceber que de palavras ia sendo urdida , de palavras rotas e reiteradas a palavras leves e plenas. Quanto mais me narrava na experiência vivida tanto mais era narrada e traduzida por minhas palavras , palavras lidas na palavra do outro , na experiência do outro .

Pretendendo contar uma história de transformação dei-me conta que não era a história em si que importava senão o próprio exercício de contá-la . Neste caminho o percurso me transformou ;

*“ O que importa é que as vida não servem como modelos. Só as histórias servem . E é duro construir histórias sem vive-las . Só podemos viver as histórias que lemos e escrevemos . Vivemos nossas próprias vidas através de textos . Podem ser textos lidos , contados , experimentados eletronicamente , ou podem vir a nós como os murmúrios de nossa mãe , dizendo-nos o que as convenções exigem . Qualquer que seja sua forma ou seu meio , essas histórias nos tem formado e são elas que devemos usar para fabricar novas ficções, novas narrativas . ”*³¹

³⁰ MAGNANI, Maria do Rosário M. , *Em Sobressaltos; formação de professora* .Ed da Unicamp , 1993 , p-324.

³¹ Heilbrun 1988, p-37, *Writing a Woman's Life*.

Bibliografia

- ANDRADE, C. D. de. Áporo .In: Antologia Poética . Rio de Janeiro: Record Ed., 1998.
- BARTHES, R. O prazer do texto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- CONNELLY, F.M. e CLANDININ, D.J. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: Larrosa, J. (org) , Déjame que te cuente - Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona:Laertes,1995.
- DOURADO, Autran. Uma vida em segredo . Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Ed., 1964, p.29-115.
- FONTANA, R.A C. e Cruz, M.N. da .Psicologia e trabalho pedagógico. São Paulo: Atual, 1997. p. 57-116 , p. 168-226 .
_____. Memorial, apresentado para o Concurso de efetivação, Faculdade de Educação/UNICAMP, Campinas, 1999.
- FONTES, J.B. As Obrigatórias metáforas : Apontamentos sobre literatura e ensino. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- FREITAS, L.C.G. de, Memória...Escrita...História. Relatório de Estágio. Faculdade de Educação/UNICAMP, 1997.
_____. "O conceito de alfabetização: de uma visão mecânica a uma concepção transformadora." Trabalho realizado para a disciplina Metodologia da Alfabetização . Faculdade de Educação/UNICAMP, Campinas, 1997.
_____. Diário de Campo realizado para a disciplina estágio supervisionado nas séries iniciais do 1º Grau, Faculdade de Educação/UNICAMP, Campinas, 1997.
- FREIRE, P. Professora sim, tia não - Cartas a quem gosta de ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1995, p.27-38, p.75-84 , p.93-114 , p.121-127.
- LACERDA, N.G. Manual de tapeçaria. Rio de Janeiro: Philobiblion: Fundação Rio, 1986.
- LARROSA, J. Pedagogia Profana - Danças, piruetas e mascaradas . Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
_____. Dar a leer ... quizá : Notas para una dialógica de la transmisión. Mimeo, s/data.
_____. Educación y Lenguaje .Mimeo, s/data .
- MAGNANI, M.R.M. , Em sobressaltos : *Formação de professora*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

MARQUES, Gabriel G. O afogado mais bonito do mundo . In: A Incrível e triste história de Cândida Erêndira e sua avó desalmada . São Paulo: Record , 1972, p.46/55.

MARQUES, M. O Escrever é preciso : *O princípio da pesquisa* .Ijuí : Ed. Unijuí , 1997.

PLACER, J.G. Identidade, diferença e indiferença: o si mesmo como obstáculo e Ferré, N.P de L. Imagens do outro : imagens talvez de uma outra função pedagógica. In: Larrosa, J.(org) , Imagens do Outro . São Paulo : Ed. Vozes, 1995.

PROPOSTA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO COLÉGIO AVE MARIA , org. coordenação e direção , Campinas , 1997.

PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O CURSO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO COLÉGIO AVE MARIA. Campinas , 1997.

ORLANDI, E.P. O que é Linguística . São Paulo: Editora Brasiliense , 1982.

ROSA, J.G. Famigerado .In: Primeiras Estórias. Rio de Janeiro : Livraria Olympio Ed., 1981, p. 8-12.

SMOLKA, A L.B. e LAPLACE, A F. O trabalho em sala de aula : teorias para quê ? . In: Cadernos Ese, Faculdade de Educação, UFF, nº 1, nov.1993.